

A LUTA DOS INDIOS PELA TERRA

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA INDÍGENA DE MINAS GERAIS

CEDEFES

A LUTA DOS ÍNDIOS PELA TERRA

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA
INDÍGENA DE MINAS GERAIS

A LUTA DOS ÍNDIOS PELA TERRA

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA
INDÍGENA DE MINAS GERAIS

Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva -
CEDFEES
A luta dos índios pela terra: contribuição à história
dos índios de Minas Gerais. Contagem, 1987.
120 p. - Ilus.
Instituto de Arte e Flávio Farias.
Índios de Minas Gerais. 3. Movimento indígena
de Minas Gerais. I. Título.
Cooperativa Editora e de Gráfica Minas Gera-
is. CDD: 875.815.11

**Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva –
CEDEFES**
**C3971 A luta dos índios pela terra; contribuição à história
indígena de Minas Gerais. Contagem, 1987.**
120 p. ilustr.
Ilustração de Berzé e Flávio Fargas.

**1. Indígenas-Minas Gerais 2. Maxakali-Indígenas-
Minas Gerais I. Título.**

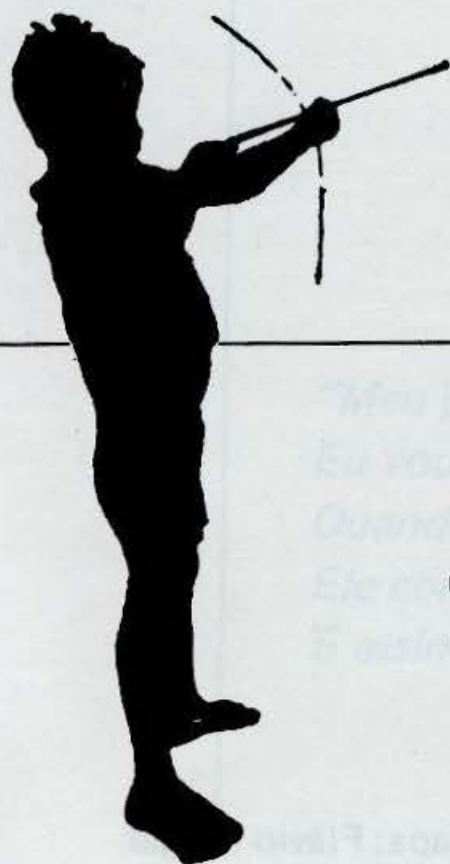
CDU: 572.95(815.1)

Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva – CEDEFES

A LUTA DOS ÍNDIOS PELA TERRA

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA
INDÍGENA DE MINAS GERAIS

Renato Nicolai



Ilustrações de Berzé e Flávio Fargas

Colaboração:

Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda

Contagem, 1987

Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda
Av. Alfredo Balena, 190
Belo Horizonte - Minas Gerais
Fone: (031) 222-1955

Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva – CEDEFES
Rua Tiradentes, 2564 – Sala 04 – Bairro Industrial
32230 – CONTAGEM – Minas Gerais – Fone: 333-7683

Diagramação, Arte-final e Capa: Flávio Fargas



*"Meu pai contou prá mim
Eu vou contar pro meu filho
Quando ele morrer?
Ele conta para o filho dele
É assim: ninguém esquece"*

(Kelé Maxakali – Aldeia de Mikael)

Cooperativa Escola de Cultura Mascarada
Av. Alfredo Balsa, 190
Bairro Horizonte - Minas Gerais
Fone: (031) 222-1855



Centro de Documentação Eloy Ferraz de Almeida
Rua Tiradentes, 2564 - Sala 04 - Edifício
37.230 - CONTAGEM - Minas Gerais - Fone: 33

"Meu pai contou pra mim
Eu vou contar pra meu filho
Quando ele morrer?
Ele conta pra o filho dele
É assim: ninguém esquece"

(Karl Max Karl - Aldeia de Micael)

Organização: Associação Cultural Paulo Sérgio

Agradecimentos

Na elaboração deste livro, contamos com a contribuição de inúmeras pessoas. Conversando, pesquisando, ouvindo a opinião de um e de outro, temos hoje a convicção de que ele é uma criação coletiva.

— Nele estão presentes as lições de Sociologia dos Maxakali e as correções que cada um fez, na forma de escrever e falar.

Gostaríamos de destacar na equipe do CEDEFES a contribuição especial dada por Geralda Soares na elaboração deste livro. Durante oito anos Geralda conviveu com os índios Maxakali, acompanhando o dia-a-dia de suas lutas. Dessa experiência e do contato com toda a problemática indígena em Minas nasceu o seu conhecimento e a vontade de registrar e divulgar a história da resistência das Nações Indígenas que vivem em Minas Gerais. A ela nosso especial agradecimento.

Queremos agradecer também a:

— FREI OLAVO TIMMERS, de 86 anos, historiador dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, nos desvendou a beleza da organização e da resistência dos índios destas regiões. Dele ouvimos a autodenominação dos Povos de lá: ENDJEREK-MUN — POVOS CORREDORES.

— EDUARDO RIBEIRO, economista, nos ajudou a ver criticamente as implicações econômicas e políticas da colonização do Mucuri.

— PADRE JERÔNIMO NUNES — CPT, pacientemente ajudou a dar forma ao conteúdo do livro e incentivou desde o começo nosso trabalho.

— BERZÉ e FLÁVIO, transmitiram toda a sua sensibilidade de artistas nos desenhos, na montagem e ilustração do livro.

— PADRE PAULO SUESS, bravo defensor da Causa Indígena, nos remeteu à Luta Indígena na América Latina e à certeza da vitória de todos os "tidos como desnecessários": índios, trabalhadores rurais, sem terra e operários.

– *CIMI LESTE* forneceu informações e preciosas fotografias dos índios de Minas.

– *GENILMA* e *MESSIAS*, pastores metodistas, afinados nesta longa busca de nossas raízes e na sua intransigente defesa, deram o seu apoio.

E PRINCIPALMENTE:

– *SR. LEANDRO*, de 76 anos, morador do Bairro Amazonas, Contagem; *TARCÍSIO*, de Mercês e *NILSON*, de Belo Horizonte, desenhista, todos eles remanescentes dos *PURI*, do Vale do Rio Pomba. Eles foram para nós, neste período, a revelação de que se a violência contra os índios de Minas foi enorme, brutal, a *RESISTÊNCIA* de seus filhos dispersos por esta Minas afora permanece, mais viva do que nunca!

A eles e a todos que também leram, forneceram fotografias ou documentos, cujos nomes não se encontram aqui citados, o agradecimento do *CEDEFES*.

Queremos agradecer especialmente aos amigos da Cooperativa Editora e de Cultura Médica que muito nos apoiaram neste trabalho.

Apresentação

"COM QUE DIREITO E COM QUE JUSTIÇA MANTÊNS ESTES ÍNDIOS, EM TÃO CRUEL E HORRÍVEL SERVIDÃO? COM QUE AUTORIDADE FIZESTES TÃO DETESTÁVEIS GUERRAS A ESTA GENTE QUE ESTAVA MANSA E PACÍFICA EM SUAS TERRAS ONDE EXTERMINASTES UMA INFINIDADE DELAS COM MORTES E ESTRAGOS NUNCA OUVIDOS? ESTES NÃO SÃO HOMENS? NÃO TÊM ALMAS RACIONAIS? NÃO SOIS OBRIGADOS A AMÁ-LOS COMO A VÓS MESMOS?"

Com estas palavras trovejava o dominicano Antônio Montesinos no advento de 1511, do púlpito de Santo Domingo (hoje capital da República Dominicana).

E os conquistadores e colonos denunciados logo se escandalizaram e chamaram, por sua vez, o Frei Montesinos de "homem escandaloso, semeador de doutrina nova, nunca ouvida." Depois enviaram uma delegação à Espanha, para denunciar o Frei Dominicano diante do Rei e do Superior Eclesiástico. E o Provincial dos dominicanos, Alfonso de Loaisa, entra no jogo dos opressores dos índios e exige, numa carta, "sob a santa obediência e a pena de excomunhão" de toda a comunidade dominicana de Santo Domingo, um silêncio obsequioso: "Ninguém ouse mais pregar neste assunto!"

Em 22 de abril de 1577, Felipe II, o Rei da Espanha, manda através de uma Cédula Real, confiscar e destruir todos os escritos sobre o passado pré-colombiano dos índios. A memória do índio é perigosa e os reis, já na Bíblia, são gente sem memória. Os Faraós do Egito não se lembravam mais dos benefícios que agradecem a José (Êxodo 1,8). Também o Brasil da "Calha Norte" (ou melhor da "Canalha Norte") não se lembra mais que os Povos Indígenas, no dizer de Joaquim Nabuco, são os guardiães de suas fronteiras e os zeladores de suas matas.

Os profetas são a memória viva do Povo de Deus. Lembrar os POVOS INDÍGENAS DE MINAS GERAIS, como este livro se propõe, lembrar os sofrimentos e as lutas dos Povos

Índigenas deste Brasil e desta Ameríndia afora, é também hoje uma tarefa profética. E hoje a situação dos Povos Índigenas é ainda mais dramática que nos tempos da conquista. O conquistador do século XVI precisava da mão-de-obra indígena para o trabalho nas minas, nas lavouras e nos engenhos de açúcar. O conquistador do século XX só quer as terras indígenas. Frente à estrutura neo-colonial da sociedade dominante, o índio tornou-se um desnecessário. Mas não é só o índio. Também os lavradores, os sem terra, os operários se tornaram desnecessários e facilmente substituíveis como se fossem parafusos numa grande máquina.

Ao romper o silêncio imposto aos Povos Índigenas, e ao recuperar a sua memória, estamos forjando uma arma importante para construir o futuro de todos os "desnecessários".

Estes, Deus escolheu para confundir os que se acham importantes, para virar a mesa dos Faraós e reverter o jogo dos opressores!

*Pe. Paulo Suess
CIMI Nacional*

Prefácio

Este livro nasceu do trabalho conjunto do CEDEFES com várias pessoas que acreditam na luta e no futuro dos Povos Indígenas.

Inicialmente, pensamos em publicar as várias cartas dos Maxakali exigindo a demarcação de suas terras e o fim da violência contra seu povo.

Essa perspectiva mudou na medida em que foi iniciada a elaboração da nova Constituição do país. Presenciamos a batalha enorme daqueles Constituintes que lutam no Congresso para que nas leis novas seja assegurado o direito dos empobrecidos e marginalizados do país. Mais de uma vez, vimos predominar os interesses dos que não querem uma Reforma Agrária honesta no Brasil.

Pareceu-nos importante lembrar que os legisladores brasileiros, direta ou indiretamente, facilitaram o extermínio de mais de 100 nações indígenas em Minas Gerais, aprovando projetos, ou elaborando leis e decretos cujo objetivo final foi sempre a espoliação das terras dos índios, razão de sua sobrevivência física e cultural. Outro motivo também, é a celebração dos 500 anos de evangelização da América Latina. Talvez a História dos Povos Indígenas de Minas contribua para que a Igreja continue repensando sua presença junto aos índios, colaboradora que foi no extermínio, na escravidão desses povos!

Os Maxakali, Krenak, Pataxó, Xacriabá e outros povos que ainda não se revelaram, estão entre nós, neste fim e começo de século. Sua presença se deve, mais do que nunca, à sua resistência e luta e a de seus antepassados: eles venceram as guerras, mas nem por isso foram condecorados como heróis nesta batalha pela vida! As leis brasileiras em relação aos Povos Indígenas nunca foram respeitadas na sua íntegra. Sempre houve e há um meio para se legalizar o extermínio e a invasão das terras!

Por todos estes motivos nasceu a vontade de cavar este chão da história de Minas, revelando as causas inúmeras do extermínio dessas nações.

Sabemos que a história não está completa.

Os livros tradicionais não são escritos pelos índios e a maioria deles está carregada de preconceitos. Por isto na segunda parte está a voz dos índios de hoje, sua luta pela terra e o extermínio brutal de que ainda estão sendo alvo. Escrevemos este livro para:

— Os Maxakali, Krenak, Pataxó e Xacriabá e para os descendentes dos Puri, Koropó, Kroato e de outros povos, estes, dispersos na periferia das cidades e nos povoados da Zona da Mata, ou como bóias-frias nos canaviais desta e de outras regiões de Minas, fazendo parte do exército dos sem terra deste estado;

— para as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), os movimentos populares e entidades solidárias com a causa indígena, na certeza de que haverá um momento em que todos estes poderão unir força à luta dos índios!

No meio do povo há muitos historiadores. Eles sabem esta história melhor que a contada nos livros. Foi assim que ouvimos, certa vez, a Comunidade de Fumaça (próxima do Pavão) contar que era ali que "os índios perseguidos atravessaram o Mucuri em enormes pontes de cipó, para se embrenharem a salvo nas matas." Cada história desta faz parte de uma história maior, que precisa ser conhecida. Esperamos que cada comunidade, cada pessoa ao ler este livro, talvez nele descobrindo seus antepassados, comece a desvendar sua verdadeira história!

Quem sabe, nesta Minas Gerais marcada pela escravidão negra e indígena e pelo racismo, possam os índios e seus descendentes assumir, de cabeça erguida, sua identidade! Temos muito a aprender da resistência, organização e força interior dos índios!

Que haja espaço para os POVOS INDÍGENAS nesta Sociedade Pluralista que todos nós desejamos construir!

Sumário

1ª PARTE

1	<i>INTRODUÇÃO</i>	19
2	<i>A PRIMEIRA GUERRA CONTRA OS ÍNDIOS</i> ...	20
2.1	<i>Expedições e bandeiras</i>	20
2.2	<i>Fernão Dias Paes Leme — Povoador de Minas</i>	21
2.3	<i>Bandeirantismo em Minas</i>	22
2.4	<i>Os vários nomes dados às Terras Indígenas onde hoje é o Estado de Minas Gerais</i>	25
3	<i>A SEGUNDA GUERRA CONTRA OS ÍNDIOS</i> ...	26
3.1	<i>Os sertões do leste — Nos Vales dos Rios Pomba e Peixe</i>	26
3.2	<i>No Vale do Rio Doce</i>	32
3.3	<i>No Vale do Rio Jequitinhonha</i>	33
3.4	<i>Guido Marlière e o novo método de pacificação</i> ...	35
3.4.1	<i>Nos Vales dos Rios Pomba e Peixe</i>	35
3.4.2	<i>Nos Vales dos Rios Doce e São Mateus</i>	36
3.4.3	<i>No Vale do Rio Jequitinhonha</i>	36
3.4.4	<i>Aldeamento às margens do Rio Doce, Suassuí e Jequitinhonha organizados por Marlière</i>	37
3.5	<i>A colonização no Vale do Mucuri</i>	38
3.5.1	<i>Vamos desenterrar essas raízes?</i>	38
3.5.2	<i>As três tentativas de ocupação dos territórios indígenas do Mucuri</i>	40

2ª PARTE

1	<i>MINAS HOJE</i>	51
1.1	<i>Introdução</i>	51
1.2	<i>Pataxó — Vale do Aço</i>	53
1.3	<i>Xacriabá — Vale do São Francisco</i>	53
1.4	<i>Krenak — Vale do Rio Doce</i>	54

2	MAXAKALI: ILHA DE RESISTÊNCIA NUM MAR DE OPRESSÃO	55
2.1	<i>Carta dos Maxakali ao presidente da FUNAI</i>	58
2.2	<i>Violências, mortes e seus resultados entre os Maxakali – 1955 a 1987</i>	63
2.3	<i>A região do conflito</i>	68
2.4	<i>Como mataram Alcides Maxakali</i>	70
2.5	<i>Quem é Alcides?</i>	82
2.6	<i>Repercussão do assassinato de Alcides Maxakali</i> ...	82
2.6.1	<i>Nota da Diocese de Teófilo Otoni</i>	82
2.6.2	<i>Notas da Imprensa – contradições e denúncias</i> ...	84
2.7	<i>Carta dos Maxakali entregue ao deputado Mário Juruna</i>	90
2.8	<i>Consequências</i>	98
3	ALCIDES ESTÁ VIVO NA LUTA DE SEU POVO	102
3.1	<i>1987 – Carta dos Maxakali sobre o assassinato de Osmino</i>	102
4	O SONHO MAXAKALI – ESSA TERRA É NOSSA	104
	ANEXOS	105



Gracinha Maxakali – 1982



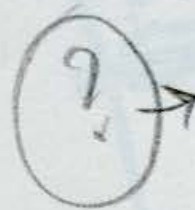
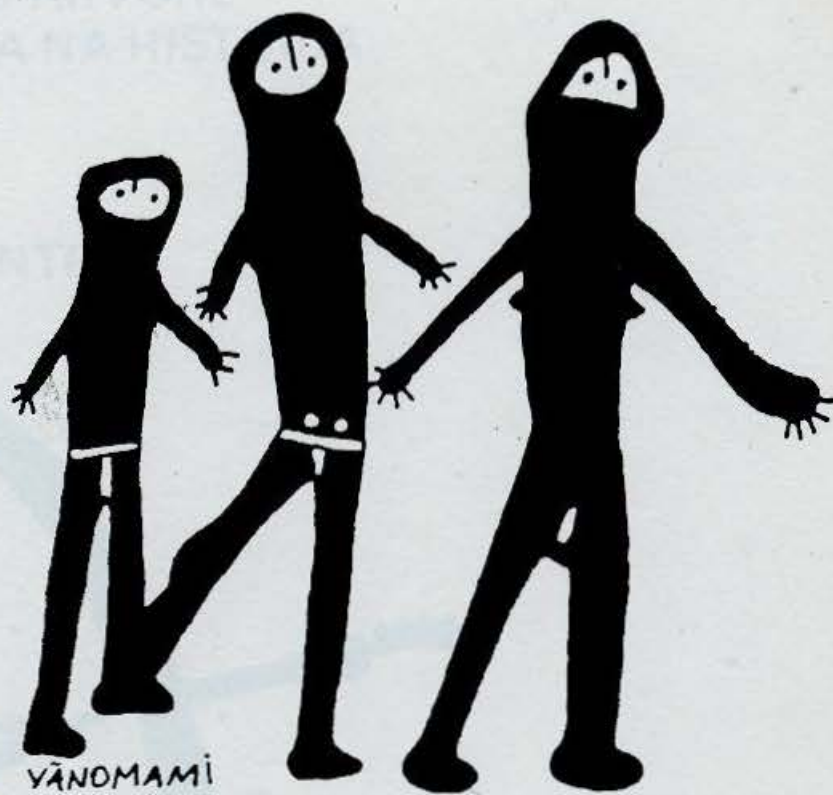
12
Guelph, Ontario - 1952

1 - Introdução

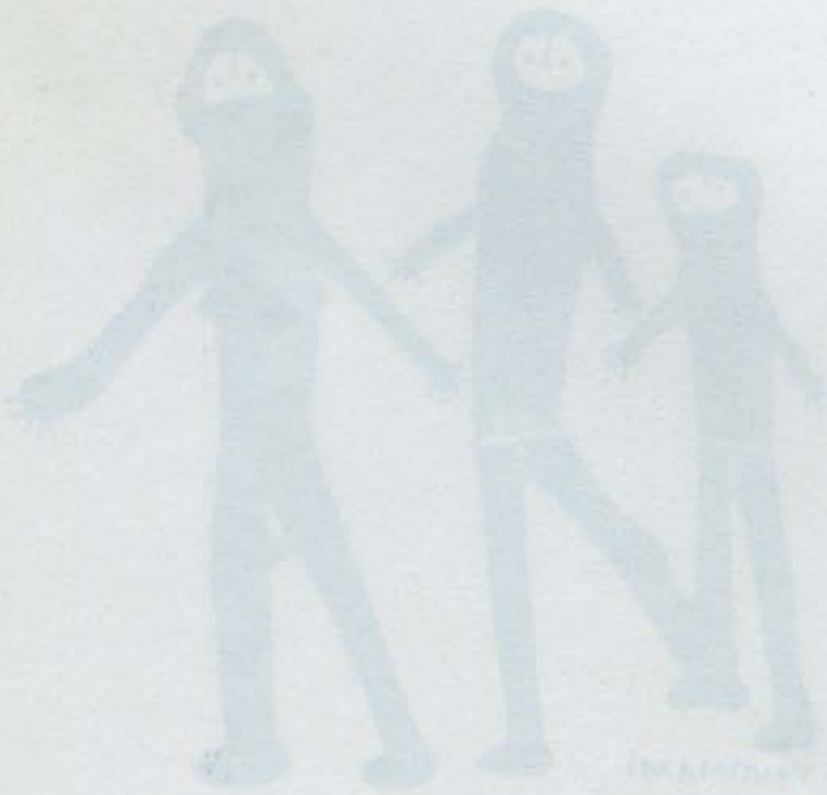
Para entender bem os índios, negros e trabalhadores de hoje a história dos Povos Indígenas que lutaram para defender suas terras, ainda hoje é a Escola de Minas Gerais, é preciso falar também:

- as histórias das guerras feitas para acabar com estes entes sagrados;
- as histórias de suas relações inimigas - os bandeirantes;
- a história das sociedades africanas aqui escravizadas;
- a história dos povos de Minas Gerais;
- o nome dos povos;
- os povos, rios, cidades, serras;
- tem muito a ver com os índios, negros e trabalhadores.

A LUTA DOS ÍNDIOS, NEGROS E TRABALHADORES DE HOJE É COMO UMA GRANDE ÁRVORE QUE ESTÁ ENRAIZADA NA HISTÓRIA DO EXTERMINIO, DA SUBMISSÃO, E DA RESISTÊNCIA, DOS OPRIMIDOS DE ONTEM.



1.ª Parte



J. B. Parke



1 - Introdução

Para contar para os índios, negros e trabalhadores de hoje a história dos Povos Indígenas que lutaram para defender suas terras, onde hoje é o Estado de Minas Gerais, é preciso falar também:

- da história das **guerras** feitas para acabar com estes antepassados;
- da história de seus maiores inimigos — os **bandeirantes**;
- da história dos **negros africanos** aqui escravizados.

Isso porque o nome de Minas Gerais,
o nome dos povoados,
córregos, rios, cidades, serras,
têm muito a ver com os **índios, negros e bandeirantes**.

A LUTA DOS ÍNDIOS, NEGROS E TRABALHADORES DE HOJE,
É COMO UMA GRANDE ÁRVORE
QUE ESTÁ ENRAIZADA NA HISTÓRIA
DO EXTERMÍNIO,
DA SUBMISSÃO,
E DA RESISTÊNCIA,
DOS OPRIMIDOS DE ONTEM!



2 - A primeira guerra contra os índios

2.1 – EXPEDIÇÕES E BANDEIRAS

A notícia de existência de ouro e prata na América, não era novidade na Europa de 1500.

Desde seus primeiros dias aqui, os portugueses não se cansaram de ouvir os índios contarem histórias dos fabulosos tesouros e riquezas que haviam no interior. Isso despertava a cobiça dos que vieram aqui para ficar ricos e voltar . . . logo!

A partir do ano de 1553 muitas expedições são enviadas em busca de ouro, pedras preciosas e do fabuloso tesouro de prata da Serra Resplandescente – Sabarabussu.

São as BANDEIRAS!

As Bandeiras eram formadas por grupos de até mais de 1000 pessoas. Dessa data em diante a invasão dos territórios indígenas não parou mais. Um caminho definitivo foi aberto em 1601–1602 e foi trilhado constantemente pelos caçadores de índios.

Elas foram organizadas para satisfazer a cobiça dos reis de Portugal e daqueles que arriscavam a vida no desbravamento dos sertões, buscando:

- ouro e pedras preciosas;
- índios para escravizar.



Caçar índios para vendê-los no litoral como escravos era um negócio rendoso. E dele todos participavam: dos mais conhecidos até os mais anônimos que não são citados.

Entre os mais conhecidos, em 1674, está Fernão Dias Paes Leme.

2.2 – FERNÃO DIAS PAES LEME – POVOADOR DE MINAS

Bandeirante já treinado na invasão dos aldeamentos dos Guarani no sul é nomeado pelo Rei de Portugal para apossar-se do famoso tesouro de prata da Serra Resplandescente.

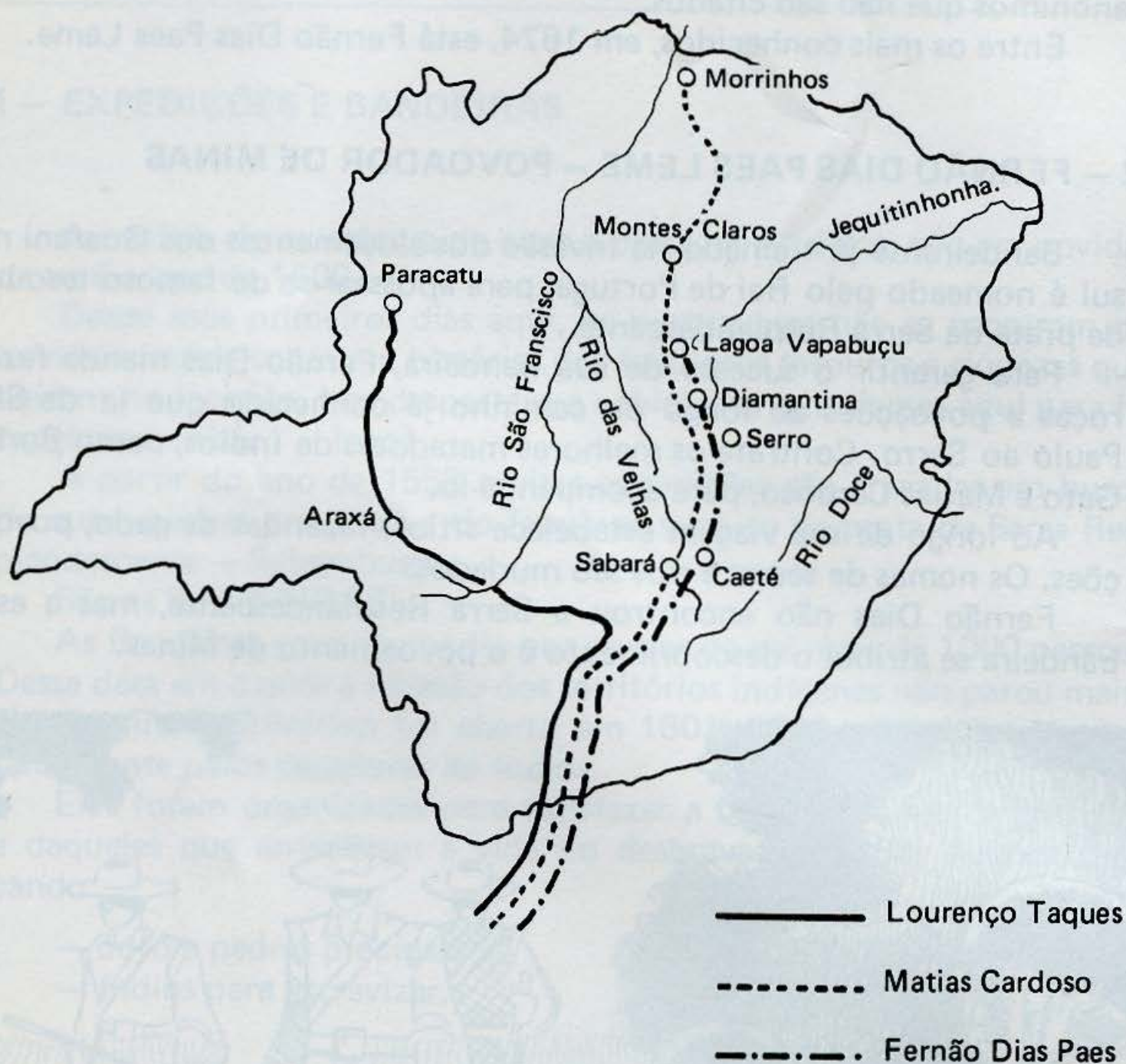
Para garantir o sucesso de sua bandeira, Fernão Dias manda fazer roças e povoações ao longo do caminho já conhecido que ia de São Paulo ao Serro. Contrata os melhores matadores de índios, como Borba Gato e Matias Cardoso, para acompanhá-lo.

Ao longo de sua viagem estabelece sítios, fazendas de gado, povoações. Os nomes de serras e rios são mudados.

Fernão Dias não encontrou a Serra Resplandescente, mas a esta bandeira se atribui o descobrimento e o povoamento de Minas.



2.3 – BANDEIRANTISMO EM MINAS – SÉCULO XVII



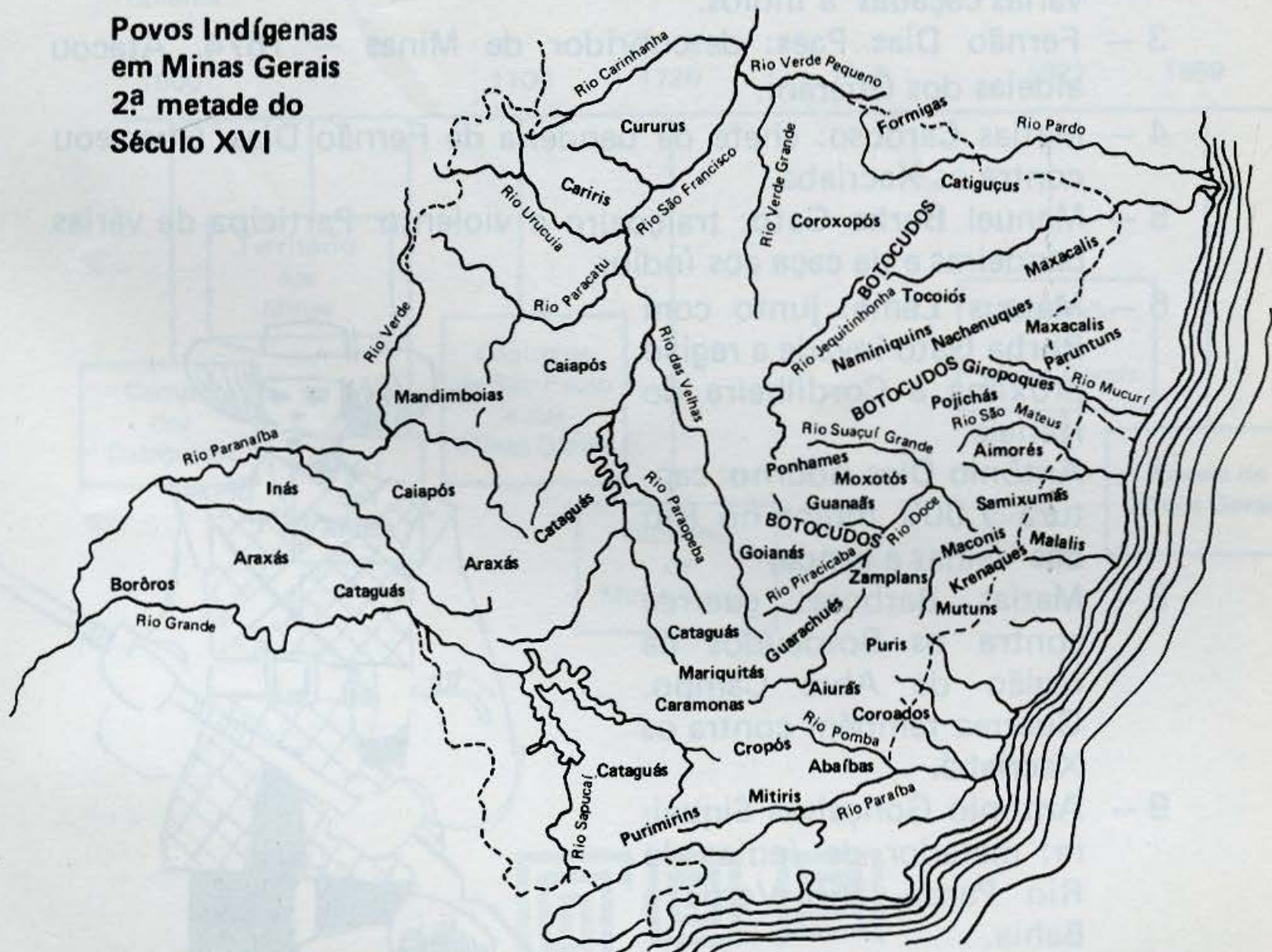
Os livros de História do Brasil contam que os bandeirantes foram heróis, desbravadores do sertão, fundadores de cidades!

Para os Povos Indígenas, porém, eles nunca foram heróis.

Foram sim ferozes caçadores de índios, responsáveis direta ou indiretamente pelo extermínio de inúmeros povos!

ESTE MAPA NÃO ESTÁ COMPLETO, MAS VOCÊ PODE VER NELE QUANTOS POVOS INDÍGENAS VIVIAM NESTE ESTADO DE MINAS GERAIS

**Povos Indígenas em Minas Gerais
2ª metade do
Século XVI**



Fonte: JOSÉ, Oilliam. *Indígenas de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Ed. Movimento Perspectiva, 1965.

Não estão no mapa:

Abaeté
Abatinguara
Abatira
Akroá
Aranã
Arari
Guanhã
Imburú

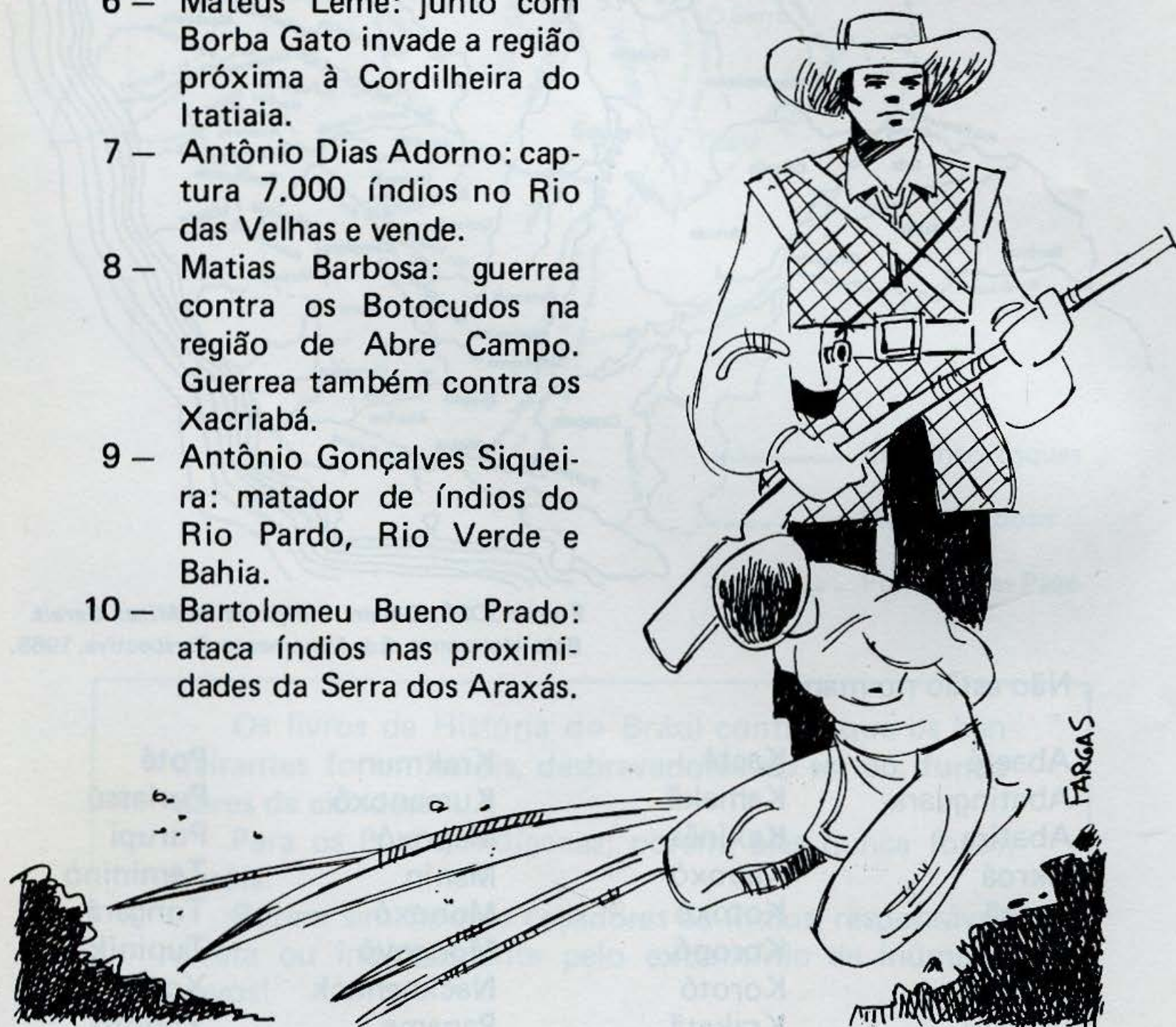
Kaeté
Kamakã
Kaxinês
Kapoxó
Kotoxó
Koropó
Korotó
Krakatã

Krakmun
Kumanoxó
Mapoxó
Menin
Monoxó
Mongoyó
Nacknenuck
Paname

Poté
Puriassú
Purupi
Temininó
Tongará
Tupinikin
Xonin
Xopotó

Pegue seu livro de história. Onde está escrito herói, risque e escreva assassino de índios:

- 1 – Lourenço Castanho Taques: invasor do território dos Cataguanas.
- 2 – Brás Cubas: 1560 – participou de uma bandeira e organizou várias caçadas a índios.
- 3 – Fernão Dias Paes: descobridor de Minas – 1674. Atacou aldeias dos Guarani.
- 4 – Matias Cardoso: chefe da bandeira de Fernão Dias. Guerreou contra os Xacriabá.
- 5 – Manuel Borba Gato: traiçoeiro e violento. Participa de várias bandeiras e da caça aos índios.
- 6 – Mateus Leme: junto com Borba Gato invade a região próxima à Cordilheira do Itatiaia.
- 7 – Antônio Dias Adorno: captura 7.000 índios no Rio das Velhas e vende.
- 8 – Matias Barbosa: guerreou contra os Botocudos na região de Abre Campo. Guerreou também contra os Xacriabá.
- 9 – Antônio Gonçalves Siqueira: matador de índios do Rio Pardo, Rio Verde e Bahia.
- 10 – Bartolomeu Bueno Prado: ataca índios nas proximidades da Serra dos Araxás.



3 - A segunda guerra contra os índios

3.1 – OS SERTÕES DO LESTE – NOS VALES DOS RIOS POMBA E PEIXE

A leste de Minas se localizava uma região de densas e pujantes florestas. Severas leis proibiam a mineração e o desbravamento dessas matas para evitar a descoberta e o contrabando de minérios.

Nos Vales do Rio Pomba e Peixe, território dos Puri, Kroato e Kropó, já em 1768 chega o Padre Manuel de Jesus Maria, contratado pelo governo de D. João V para converter os índios.

Diante da luta cruel dos brancos para possuir terras férteis, Padre Manuel foi um grande defensor dos índios. Colocou-se contra os portugueses e autoridades civis da época e enfrentou muita perseguição por causa de suas denúncias.

Falecendo em 1811 seu trabalho é continuado pelo Padre Francisco da Silva Campos, que também trabalha na defesa dos índios. Ensinou aos Kroato a cultivar a cana e a produzir açúcar. Alguns dizem que ele é o pioneiro da poderosa indústria açucareira de Visconde de Rio Branco.

Em 1808, chega ao Brasil D. João VI e sua corte, fugindo dos franceses. Ele necessita de terra para sua gente. A fúria dos invasores se volta então contra os índios dos Vales do Rio Doce, Mucuri, São Mateus, Jequitinhonha.

Aí resistiam grupos poderosos dos índios **Botocudos**. Chegam a D. João VI informações terríveis falando sobre a impossibilidade de civilizar estes índios. Eles não se rendiam aos invasores e os atacavam constantemente.

Em 1808 D. João VI faz um decreto e declara guerra aos Botocudos. Os documentos da época falam o seguinte sobre os índios: "São bárbaros, traiçoeiros, vingativos, antropófagos, sem alma, sanguinários, preguiçosos, bestiais, quase animais, não falam o português, não são nem cristãos! E não se submetem aos brancos!"

Por isso esta GUERRA É JUSTA! Ou melhor:

— Não é crime matar esses índios. Quem for aprisionado será escravo por 10 anos ou até que fique manso.

Pela primeira vez a guerra que já está acontecendo se torna oficial !! Os Povos Indígenas são declarados inimigos!

CARTA RÉGIA – De 13 de maio de 1808
Manda fazer guerra aos índios Botocudos

D. João VI recebe denúncias contra os Botocudos que defendem seus territórios.

Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello, do meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Geraes. Amigo. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Sendo-me presentes as graves queixas que da Capitania de Minas Geraes têm subido à minha real presença, sobre as invasões que diariamente estão praticando os índios Botocudos, antropophagos, em diversas e muito distantes partes da mesma Capitania, particularmente sobre as margens do Rio Doce e rios que no mesmo desaguam e onde não só devastam todas as fazendas sitas naquellas visinhanças e tem até forçado muitos proprietários a abandonal-as com grave prejuizo seu e da minha Real Coroa, mas passam a praticar as mais horriveis e atrozes scenas da mais barbara antropophagia, (. . .)

Os Botocudos derrotaram os invasores.

(. . .) tendo-se verificado na minha real presença a inutilidade de todos os meios humanos, pelos quaes tenho mandado que se tente a sua civilisação e o reduzil-os a aldear-se e a gozarem dos bens permanentes de uma sociedade pacifica e doce, debaixo das justas e humanas Leis que regem os meus povos; e até havendo-se demonstrado, quão pouco util era o systema de guerra defensivo que contra elles tenho mandado seguir, visto que os pontos de defeza em uma tão grande e extensa linha não podiam bastar a cobrir o paiz: sou servido por estes e outros justos motivos que ora fazem suspender os efeitos de humanidade que com elles tinha mandado praticar, ordenar-vos, em primeiro logar.

Declaração de Guerra.

Que desde o momento, em que receberdes esta minha Carta Regia, deveis considerar como principiada contra estes Indios antropophagos uma guerra offensiva que continuareis sempre em todos os annos nas estações seccas e que não terá fim, senão quando tiverdes a felicidade de vos senhorear de suas habitações e de os capacitar da superioridade das minhas reaes armas de maneira tal que movidos do justo terror das mesmas, peçam a paz e sujeitando-se ao doce jugo das Leis e promettendo viver em sociedade, possam vir a ser vassallos uteis, como já o são as immensas variedades de Indios que nestes meus vastos Estados do Brazil se acham aldeados e gozam da felicidade que é consequencia necessaria do estado social.

Formação de milícias armadas para atacar os Índios.
— Soldado Índio ganha menos.

Em segundo logar sou servido ordenar-vos que formeis logo um Corpo de Soldados pedestres escolhidos e commandados pelos mesmos habeis Commandantes que vós em parte propuzestes e que vão nomeados nesta mesma Carta Régia, os quaes terão o mesmo soldo que o dos Soldados Infantes; e sendo Indios domesticos, poderá diminuir-se o soldo a 40 réis, como se faz na guarnição dos Presidios dos Barretos e da Serra de S. João (. . .)

A terra dos Índios é dividida entre os comandantes.

(. . .) Em terceiro logar, ordeno-vos que façais distribuir em seis districtos, ou partes, todo o terreno infestado pelos Indios Botocudos, nomeando seis Commandantes destes terrenos, a quem ficará encarregada pela maneira que lhes parecer mais proficua, a guerra offensiva que convém fazer aos Indios Botocudos (. . .)

Estratégia da guerra.

(. . .) A estes Commandantes ficará livre o poderem escolher os soldados que julgarem

proprios para essa qualidade de duro e aspero serviço, e em numero sufficiente para formarem diversas Bandeiras, com que hajam constantemente todos os annos na estação secca de entrar nos matos; ajudando-se reciprocamente não só as Bandeiras de cada Commandante, mas todos os seis Commandantes com as suas respectivas forças, e concertando entre si o plano mais proficuo para a total redução de uma semelhante e atroz raça antropophaga. Os mesmos Commandantes serão responsaveis pelas funestas consequências das invasões dos Indios Botocudos nos sitios confiados à sua guarda, logo que contra elles se prove omissão, ou descuido:

Os índios aprisionados deveriam ser escravos por dez annos ou toda a vida.

Que sejam considerados como prisioneiros de guerra todos os Indios Botocudos que se tomarem com as armas na mão em qualquer ataque; e que sejam entregues para o serviço do respectivo Commandante por dez annos, e todo o mais tempo em que durar sua ferocidade, podendo elle empregal-os em seu serviço particular durante esse tempo e conserval-os com a devida segurança, mesmo em ferros, enquanto não derem provas do abandono de sua atrocidade e antropophagia.

Quem matar mais terá salário maior.

Em quarto logar, ordeno-vos que a estes Commandantes se lhes confira annualmente um augmento de soldo proporcional ao bom serviço que fizerem, regulado este pelo principio que terá mais meio soldo aquelle Commandante que no decurso de um anno mostrar, não sómente que no seu districto não houve invasão alguma de Indios Botocudos, nem de outros quaesquer Indios bravos, de que resultasse morte de Portugueses, ou destruição de suas plantações; mas que aprisio-

nou e destruiu no mesmo tempo maior numero, do que qualquer outro Commandante (. . .)

Fiscalização da perseguição aos Índios.

(. . .) Em quinto lugar ordeno-vos que em cada tres mezes convoqueis uma Junta que será por vós presidida (. . .) na qual fareis conhecer do resultado de tão importante serviço; e me dará conta pela Secretaria do Estado de Guerra e Negocios Estrangeiros, de tudo o que tiver acontecido e for concernente a este objecto, para que se consiga a redução e civilização dos Indios Botocudos, si possível for, e a das outras raças de Indios que muito vos recommendo e podendo tambem a Junta propor-me tudo o que julgar conveniente para tão saudaveis e grandes fins, particularmente tudo o que tocar à pacificação, civilização e aldeação dos Indios (. . .)

Controle do Rio Doce.

(. . .) Propondo-me igualmente por motivo destas saudaveis providencias contra os Indios Botocudos, preparar os meios convenientes para o futuro a navegação do Rio Doce, que faça a felicidade dessa Capitania, e desejando igualmente procurar, com a maior economia da minha Real Fazenda, meios para tão saudavel empreza; assim como favorecer os que quizerem ir povoar aquelles preciosos terrenos auriferos, abandonados hoje pelo susto que causam os Indios Botocudos (. . .)

Quem invadir mais terra fica dez anos sem pagar o dízimo.

(. . .) vos ordeno que em todos os terrenos do Rio Doce actualmente infestados pelos Indios Botocudos, estabeleçais, de accordo com a Junta da Fazenda, que os terrenos novamente cultivados e infestados pelos Indios, ficarão isentos por dez annos de pagarem dizimo a favor daquelles que os forem por em cultura de modo que se possa reputar permamente: que igualmente fique estabele-

cida por dez annos a livre exportação e importação de todos os generos de commercio que se navegarem pelo mesmo Rio Doce (. . .)

Moratória para os
grileiros da terra
indígena durante
seis anos.

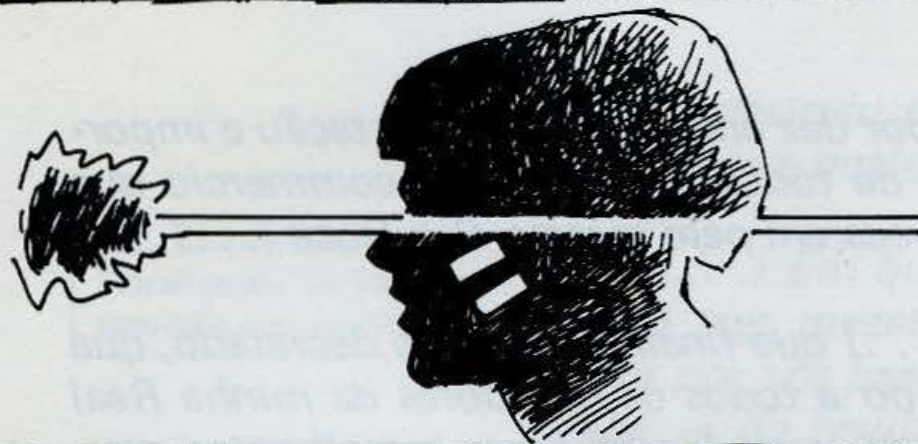
(. . .) que finalmente fique decretado, que concedo a todos os devedores da minha Real Fazenda que forem fazer semelhantes estabelecimentos de cultura e de trabalhos auríferos, a especial graça, de uma moratoria, que haja de durar seis annos da data desta minha Carta Régia, em cujo periodo não poderão ser inquietados por dividas que tenham contrahido com a minha Real Fazenda, (. . .)

*Dada no Palácio do Rio de Janeiro
em 13 de maio de 1808*

Príncipe D. João VI

*(a cópia desta Carta Régia se encontra,
na íntegra, nos arquivos do CEDEFES.)*





*Você sabe quais os motivos
que levam os
brancos a exterminar
índios hoje?*

3.2 – NO VALE DO RIO DOCE

Ainda em 1808 o governo cria a **Junta Militar de Civilização dos Índios, Conquista e Comércio do Rio Doce**.

Estabelece seis quartéis no Rio Doce para servir de ponto de apoio à guerra de extermínio.

Os Botocudos, que se autodenominavam: **ENDJEREKMUN** — ou **POVOS CORREDORES**, profundamente conhecedores da selva, derrotaram a Companhia. Reagiram com os massacres, emboscadas e táticas de guerrilha às espingardas e chumbeiras dos brancos e sanguinários soldados da Companhia.

Aldeias inteiras são contaminadas com vírus de varíola e sarampo. Mulheres são capturadas com laços e cachorros treinados.

Em 1811 fundam o Quartel de São Miguel do Jequitinhonha.



*Índios
Endjerekmun*

3.3 – NO VALE DO RIO JEQUITINHONHA

A guerra contra os índios do Jequitinhonha é comandada do Calhau (Araçuaí) a Belmonte (Bahia) pelo chefe da 7ª Divisão Militar – Julião Taborda Fernandes Leão.

Seu objetivo é aldear e civilizar índios,
proteger os habitantes,
ocupar a região
e guarnecer o rio que dava muito ouro.

Para isto ele funda os Postos Avançados junto aos aldeamentos, para dar cobertura aos que chegavam. Assim surgem:

- 1811 – Quartel de São Miguel (Jequitinhonha)
- 1811 – Quartel da Vigia (Almenara)
- 1811 – Quartel da Água Branca (“Quartéis” e Joáíma)
- 1813 – Quartel do Salto Grande (Salto da Divisa)

Mais tarde surgem outras povoações como o Calhau (Araçuaí) em 1830. De Joáíma e São Miguel partiam levas e levas de poaieiros. Daí começou a ocupação das matas do Rio Pampã, Rubim, Prata, Vokwin e São Miguel. A proteção aos “novos invasores” é dada pelos quartéis.

. Alistaram-se nos destacamentos militares os aventureiros, assassinos, traficantes, bêbados.

. Os militares se transformaram em aliados dos piores elementos na captura dos índios.

. Formavam-se grandes grupos para caça aos índios.

. Os índios aprisionados eram usados nas “frentes de captura aos Botocudos”.

. Os territórios indígenas diminuía e a poderosa organização dos Botocudos se volta contra as tribos menores, também vítimas das guerras.

. Tribos menores como Malali, Maxakali, Makuni pedem asilo aos brancos.

. Julião Taborda Fernandes Leão os traz para o Farrancho (*Guaranilândia*) e os usa na guerra contra os Botocudos. O governo lhes dá um território na beira do **Ribeirão Prates**.

Mesmo assim os índios aldeados resistem da forma que podem:

– aliam-se aos brancos mas não abandonam seus costumes, aprendendo e fazendo o que é necessário para sobreviver;

– estragam as ferramentas de trabalho;

– fazem a “operação tartaruga” – o trabalho não rende;



Índio Endjerekmun

– fogem quando são muito pressionados.

A guerra contra os índios de Minas encontra na rebeldia dos indígenas do Jequitinhonha um obstáculo para o “progresso”. Era “preciso” aldear os índios. Vários padres se destacam nesta tarefa:

- Padre José Pereira Lidoro
- Capuchinho Domingos de Casale
- Capuchinho Bernardino do Lago Negro.

1 – Os Botocudos se organizaram . . . se defenderam . . . lutaram bravamente. Mas não fizeram alianças com outros povos oprimidos para vencer o inimigo comum. Você acha que isso ocorre hoje entre os oprimidos?

2 – Jogar um oprimido contra o outro, incentivar divisões, foi um meio usado para vencer os índios. Esta tática é usada pelos opressores hoje?

3 – Você conhece algum projeto no Brasil hoje, que está ocupando militarmente as áreas indígenas?

3.4 – GUIDO MARLIÈRE E O NOVO MÉTODO DE PACIFICAÇÃO

Postos militares foram estabelecidos para proteger os colonos, logo que os índios foram pacificados.

3.4.1 – Nos Vales dos Rios Pomba e Peixe

Em 1813 o governo envia Guido Marlière, um militar francês, para continuar a obra de Padre Manoel de Jesus Maria. Com a morte dele, a violência dos portugueses e brasileiros aumenta a tal ponto que se torna necessária a intervenção do Estado.

Os índios são tratados com presentes e amizade. Mas, mesmo sendo agredidos no que têm de mais sagrado: sua identidade de povo, ELES RESISTEM! As leis favorecem os brasileiros. Por mais injusto que seja, para eles tudo é permitido: matar, invadir terras, soltar gado nas roças. Sempre a Justiça dá um jeito, onde o índio leva a pior.

Marlière resolve as questões denunciadas e trata os índios com presentes e amizade. É nomeado Diretor dos Índios. Em 1819 aldeia os Puri (Zona da Mata).

Os Puri, Kroato e Koropó continuam presentes na história e no sangue de seus descendentes hoje. Muitos fugiram para outros locais, como Mutum, outros vivem nos povoados ou na periferia das cidades. Outros, quem sabe, são a mão-de-obra barata que sustenta a indústria açucareira da região.

3.4.2 – Nos Vales dos Rios Doce e São Mateus

Em 1819, o pacificador Marlière é enviado ao Rio Doce para que seu jeito de trabalhar obtenha o que as espingargas não conseguiram: a **rendição dos Botocudos!**

Ao invés de balas, os índios começam a ser tratados com amizade e cobertos de presentes: lenços, roupas, anzóis, espelhos, sementes, agulhas. Até agora, invencíveis na selva, eles são sutilmente levados a se entregar à vida controlada dos acampamentos.

Para vencer a organização dos guerreiros e sua resistência, o herói branco oferece:

- sua amizade,
- sua proteção e
- uma enorme organização militar que tem aliados por toda parte.

Postos militares são estabelecidos para proteger os colonos.

Logo que os índios foram “pacificados”, ficaram abertas as portas para os brasileiros ocuparem as terras.

Depois da saída de Marlière, aposentado e reformado, o Rio Doce é marcado por invasões, massacres, prostituição e doenças.

3.4.3 – No Vale do Rio Jequitinhonha

Em 1824, quando Marlière é nomeado Diretor dos Índios de Minas, os abusos contra os índios são indescritíveis. O principal aliado de Marlière é o Padre Lidoro. Em vão eles tentam conter as atrocidades contra os índios, a ponto de Marlière afirmar que “em 13 anos de denúncia não vira enforcado nenhum matador de índios.”

Dessa guerra sobreviveram os Maxakali.

Expulsos do Jequitinhonha, vítimas de massacres, roubo de terras e doenças, juntam-se a outro grupo de Maxakali já nas cabeceiras dos Rios Itanhém e Prado, donde refazem sua vida e lutam até hoje. Muitos de seus descendentes continuam morando na beira do Jequitinhonha e em Guaranilândia.



Índio Puri



Índia Koropó



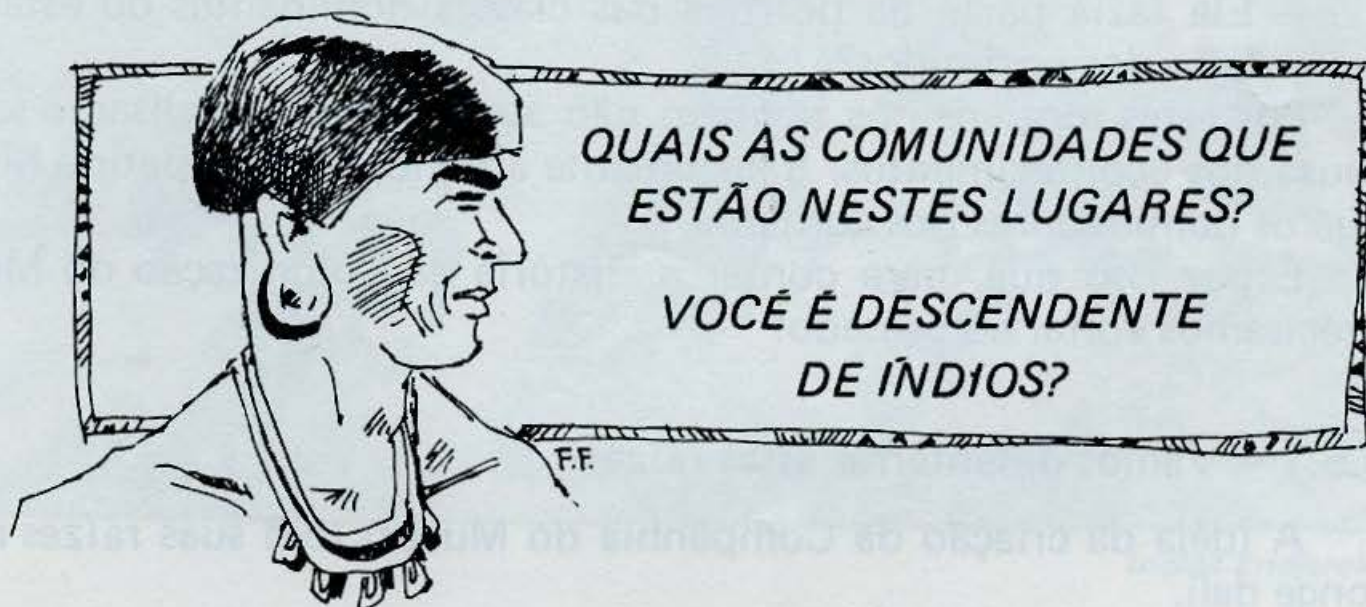
Índio Endjerekmun

3.4.4 – Aldeamento às margens dos Rios Doce, Suassuí e Jequitinhonha organizados por Marlière

- 1 – Petersdorff – 9 léguas acima da barra do Rio Piracicaba.
- 2 – Bananal Grande – onde havia um grande cemitério indígena, próximo de Tarumirim.
- 3 – Cuieté – 24 léguas abaixo de Antônio Dias Adorno, pertencendo ao município de Conselheiro Pena. Ali foi fundada uma colônia penal, onde eram presos índios, negros e outros degredados.
- 4 – Barra do Cuieté – aldeamento só de crianças que viviam do trabalho forçado para aprenderem a trabalhar como os brancos. Os índios adultos, escondidos nas matas, em protesto, comiam as plantações cultivadas pelas crianças.
- 5 – Lorena – 24 léguas abaixo de Antônio Dias Adorno.
- 6 – Laranjeiras – 1825, perto da Barra do Suassuí.
- 7 – Quartel de D. Manuel – onde viviam só Nacknenuck, perto de Valadares, 1823.
- 8 – Rio de Santo Antônio – município de Joanésia: Nacknenuck
- 9 – Ribeirão do Félix – Peçanha.
- 10 – Alto dos Bois – perto de Malacacheta: Makuni, Malali.
- 11 – São Miguel do Jequitinhonha – Nacknenuck, Maxakali, Paname, Malali.
- 12 – Ramalhete – município de Peçanha: Nacknenuck.
- 13 – Entre Barras – Nacknenuck.

COM A SAÍDA DE MARLIÈRE A VIOLÊNCIA SE TORNA ABSURDA. É O FIM DA POLÍTICA DA "BOA VIZINHANÇA" ...

Em 1832, já não havia aldeamentos dos Botocudos no Rio Doce!



3.5 – A COLONIZAÇÃO NO VALE DO MUCURI

Nos anos de 1859, Minas era ainda isolada do mar por uma enorme cadeia de montanhas. Também não era interessante até esse momento que houvesse muito trânsito nestas regiões, devido ao contrabando de minérios. Esta área de densas matas era o Santuário dos **Endjerekmun** – **Povos Corredores**, como se autodenominavam os Botocudos.

Segundo o que se pensava esta região poderia dar passagem para o mar.

Há muito tempo, expedições e bandeiras tentavam penetrar as matas do Mucuri:

– 1550 – Martim Carvalho aí descobre o primeiro ouro de Minas, mas sua bandeira é dizimada pelos índios.

– 1752 – João da Silva Guimarães é derrotado pelos Maxakali, quando ele tentava penetrar pelo São Mateus.

– 1811 – Lourenço Vaz de Abreu Lima abre uma fazenda em Santa Clara, que abandona devido aos insistentes ataques dos Botocudos.

– 1834 – São estudadas as matas e o rio para aí se estabelecer uma colônia penal.

Mas quando nós ouvimos falar do Vale do Mucuri, a primeira idéia que vem à cabeça é sobre **TEÓFILO OTONI**. Não pensamos em primeiro lugar sobre os legítimos donos da região – os **Endjerekmun**.

É que a história que aprendemos é sempre a história de **pessoas isoladas**. Nós não aprendemos a perguntar:

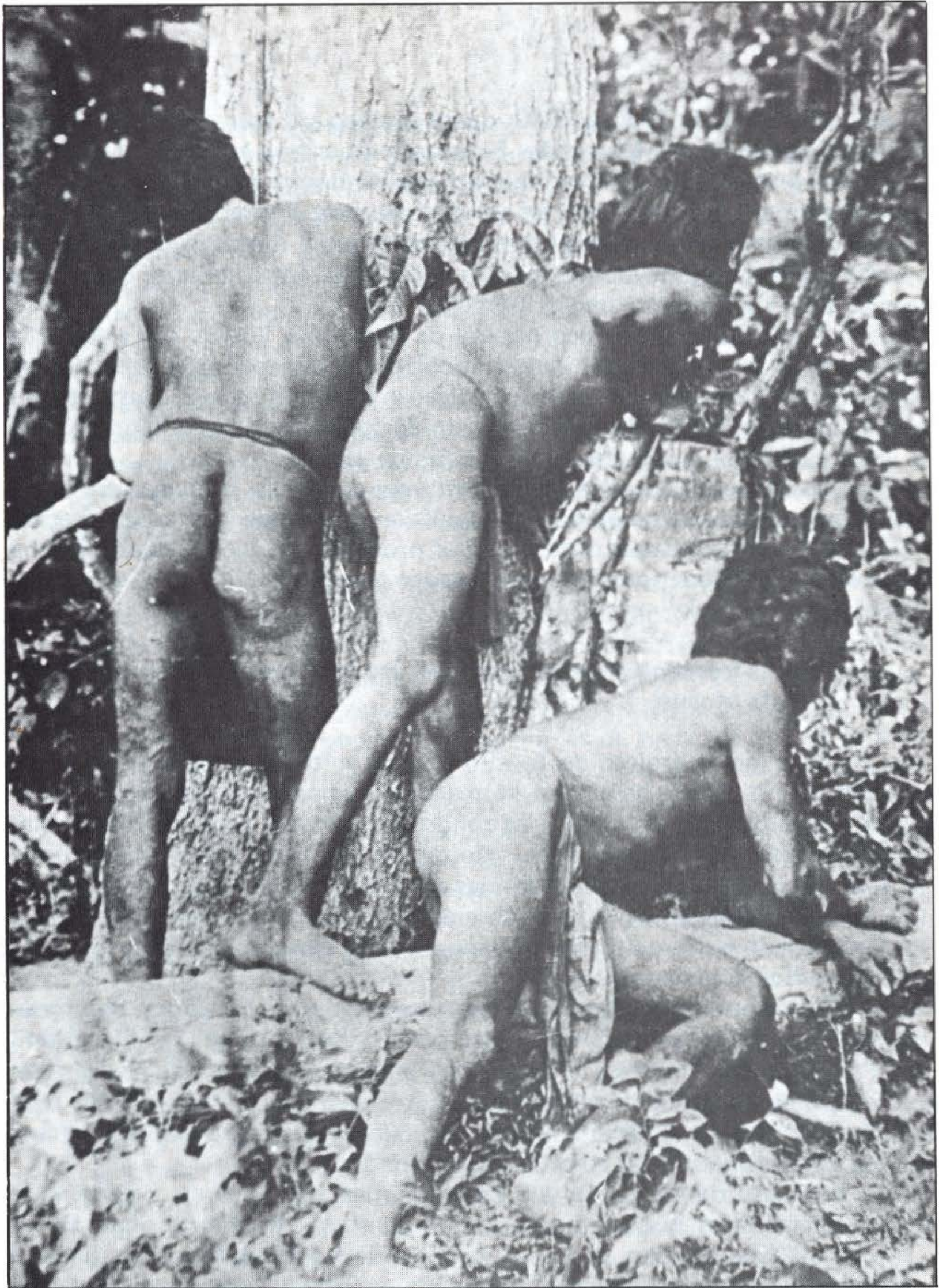
- Em que época este homem viveu?
- Quem governava o país neste período?
- Como era a organização da sociedade neste tempo?
- Por que ele agia assim como agiu?
- Ele fazia parte da política das classes dominantes ou estava do lado dos oprimidos?

Por estes motivos nós também não aprendemos a analisar, a saber a causa dos acontecimentos. E facilmente aprendemos a repetir a história que os dominadores nos contam.

É por isso que, para contar a História da Colonização do Mucuri, precisamos voltar ao passado.

3.5.1 – Vamos desenterrar essas raízes?

A idéia da criação da Companhia do Mucuri tem suas raízes muito longe dali.



Índios Endjerekmun

Nos anos de 1830 a 1840, quem abastecia o mercado da Inglaterra com algodão era o Maranhão. Este mercado entrou em crise, levando os produtores de algodão do Vale do Jequitinhonha a encontrar mercado aberto para também exportar seu algodão para o exterior. Durante mais ou menos 10 anos, o Jequitinhonha abastece o mercado da Inglaterra. Esta euforia porém dura pouco. A exportação entra em crise quando os Estados Unidos entra para o mercado.

Teófilo Otoni, político natural do Serro-MG, iludido por este curto período de projeção do Jequitinhonha, idealiza então sua Companhia.

É verdade que já se discutia a ligação de Minas ao mar. Neste tempo só havia uma estrada que partia do Serro, passando por São João Del Rei e Mariana, e que chegava até o Rio de Janeiro.

As cabeceiras do Rio Doce já estavam ocupadas. O Mucuri era o território dominado pelos Botocudos. Criando este meio de comunicação, estariam encurtadas as distâncias e os produtos vindos do Jequitinhonha e Norte de Minas poderiam ser escoados pelo rio.

3.5.2 – As três tentativas de ocupação dos territórios indígenas do Mucuri

O primeiro projeto de Teófilo Otoni é voltado para iniciar a navegação do rio. Ele se baseia em inúmeras informações de pessoas que já tinham explorado o Mucuri, entrando em contato com os índios. Mas essas pessoas, ao que parece, não devem ter passado nos lugares onde era impossível o tráfego de canoas e navios. Teófilo Otoni constrói dois navios: O *Gyporok* (nome dado em homenagem a um famoso guerreiro assassinado pelos colonos em Nanuque) e o *Peruipe*. Mas descobre logo que o rio não é navegável.

Pensa então na abertura de uma estrada para o transporte de produtos que vai de Santa Clara a "PHILADELPHIA", hoje, Teófilo Otoni. Para este fim contrata empreiteiros portugueses, que não conseguem mão-de-obra entre os imigrantes. Muitos alemães, já descontentes com Teófilo Otoni, não aceitam servir de mão-de-obra para mais uma etapa de um sonho, que tão caro lhes tem custado.

Construída a estrada pelo braço de mestiços, índios e negros, vê-se as dificuldades que aparecem para o transporte de mercadorias. Doenças, malária, ataques de índios defendendo sua terra, impedem que esta linha de comércio realize o sonho da exportação de produtos para o exterior.

Quando também esta etapa traz dificuldades, Teófilo Otoni pensa em outra alternativa, que seria a construção da **estrada de ferro** ligando o Jequitinhonha com o Porto de Caravelas na Bahia. Esta ferrovia só é construída muito mais tarde mas nunca conseguindo atingir este objetivo de transporte, porque a economia do Jequitinhonha não era de exportação: era fechada. Serviu para transporte de passageiros por muito tempo e depois foi desativada. Só agora os empresários capitalistas estão chegando à região com seus projetos de reflorestamento.

Portanto, de 1840 a 1850 o desenvolvimento capitalista da região não avança. Teófilo Otoni se retira nos fins da década de 50. De 1860 a 1890, o Vale fica praticamente abandonado. Neste período grupos franceses tentam investir ali mas desistem do projeto. O Mucuri vai se formando à sua própria custa. O desenvolvimento da região só avança na década de 1950 com a pecuária de corte. São passados quase 100 anos!

Para ocupar a região, Teófilo Otoni precisou de mão-de-obra. Ela era importante para o bom êxito da colonização. Para isso traz colonos alemães, belgas, italianos, portugueses e outros. Nesse capítulo da história, só mesmo os colonos e suas famílias poderiam contar os transtornos de sua vinda para as selvas do Mucuri. A viagem, as doenças, a falta de planejamento do governo, as epidemias de bicho-de-pé que levaram muitos à sepultura, marcaram a vida dos que aí se fixaram e cujos descendentes são, em grande parte, donos de terras na região.

Com os índios e para a ocupação de seus territórios, a estratégia é diferente. Já tendo participado de movimentos contra o domínio dos portugueses no país, mesmo assim ele não se desatreia da política do Estado. O imperador agora é D. Pedro II. Já não vigoram as leis e política de guerra, caça e extermínio dos índios, decretada por D. João VI. As atitudes são mais amenas. Teófilo Otoni também está influenciado pelos ideais humanistas das revoluções francesa e americana. O extermínio dos índios agora é mais discreto. Ele deixa de ser um inimigo, para ser um problema a ser resolvido.

No projeto de Teófilo Otoni não há nada de muito especial para os índios. (Também o projeto Calha Norte, hoje, quer ocupar os territórios indígenas, sem guerra!). Teófilo Otoni organiza então uma grande bandeira com soldados, intérpretes, muita provisão, e a ordem de não atirar nos índios. Sua bandeira invade o Mucuri em 1847 e é quase exterminada pelos índios.

TEÓFILO OTONI:

— Não abre guerra contra os índios.

– Acaba com o tráfico de crianças índias, comum no Mucuri e Jequitinhonha.

– Concede pedaços de terras a alguns grupos indígenas. Mas não havia na realidade por parte dele **nenhum interesse em garantir terra para os índios**. Nem mesmo respeitar os territórios já existentes. Tanto que **TEÓFILO OTONI CONSEGUE DO GOVERNO IMPERIAL UM DECRETO ONDE SE DECLARA QUE ELE É O ÚNICO DONO DAS TERRAS DO MUCURI!**

– No contato com os índios, ganha a sua confiança usando muitas estratégias, chegando a falar da semelhança entre seu nome: OTONI, e o do cacique POTON(I) e deduzindo daí que são parentes, tendo como consequência lógica a licença para que os “novos parentes” pudessem ocupar a terra.

– Faz aliança com os caciques POJIXA, ARANÃ, MECK-MECK, PURUKUN, TAMONHECK, URUKU, POTON, POTEIN, KRAKATÃ. A **pacificação final dos Botocudos é celebrada em 1858**, numa grande festa, que conta até com observador europeu.

Os caciques adornados com seus enormes, coloridos e ondulantes cocares de pena, dançam horas e horas diante de Teófilo Otoni, O POGIRUM – o homem das mãos brancas – e quebram seus arcos diante daquele que era considerado o supremo cacique do Mucuri.



Índios Endjerekmun

Mas os **Endejekmun** — Povos Corredores, já estavam organizados numa poderosa **CONFEDERAÇÃO**, e, durante anos, até depois da saída de Teófilo Otoni, ainda são o flagelo do Mucuri. O objetivo da **CONFEDERAÇÃO** era a defesa da terra e a **expulsão dos brancos**. Sua sede era na cabeceira do Rio Todos os Santos onde hoje é a comunidade da Baixinha. Daí eles se organizam e partem para a destruição de estradas, ataques aos colonos, captura de crianças e morte a todos que se atrevam a entrar pelas florestas. Como tática, eles nunca enfrentam os inimigos de frente. Esperam nos desfiladeiros e vários flecheiros atacam uns após outros, com suas flechas mortíferas, os invasores.

Teófilo sai da região. Atrás ficam os colonos, a guerra contra os índios, gente de toda espécie de outras regiões. Os catadores de poaia fazem devagar a ocupação das matas. Agora a matança indiscriminada dos índios, a invasão e roubo de terras, as epidemias de sarampo, varíola e gripe, provocadas de propósito através de roupas contaminadas, as comidas envenenadas com arsênico, a discriminação e a raiva alimentada desde pequenos contra os índios, foram o cimento da história de muita gente que ainda tem suas raízes no Mucuri.

Quando tudo parece estar chegando ao fim, são contratados pelo governo, em 1873, os padres Capuchinhos, para catequizar os índios e civilizá-los. Os jesuítas já tinham sido expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal. E é assim que no ano de 1873 os padres Capuchinhos Frei Ângelo e Frei Serafim, juntamente com vários índios já sem terra e outros, fundam o Aldeamento de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri. O lugar foi escolhido pelos próprios índios. Igreja, escola, casa dos padres, ruas de casas para os índios, assim é o começo. Muitos índios, já convertidos, se prestam ao trabalho de ir catequizar seus irmãos nas matas, anunciando-lhes o fim de seu(s) deus(es) e a chegada do Deus Verdadeiro, para assim trazê-los para o aldeamento. Mas outros se rebelavam e incentivavam os irmãos ao retorno às matas. Brancos exploravam os índios colocando-os contra os padres, mas . . . querendo tirar proveito para si mesmos. Mais para o fim, depois da vinda das irmãs italianas Clarissas Franciscanas, falta todo tipo de apoio material para o aldeamento.

Qual o resultado da catequese?

Onde estão os índios de Itambacuri que chegaram a quase dois mil ou mais? Itambacuri, hoje, é apenas um retrato amargo da história indígena de Minas!

É verdade que era bem melhor para os índios, nesta altura das violências, ficar nos aldeamentos, sob a proteção dos padres. Ali tinham

segurança e alimento, o que não era possível nas matas onde já faltava caça e pesca e onde eram perseguidos pelos fazendeiros. Viam seus territórios diminuídos e muitas brigas entre os grupos iam surgindo, muitas delas provocadas pelos próprios brasileiros.

Mas esta segurança custava muito caro:

– O regime de funcionamento do aldeamento não era como o das aldeias.

– Vários povos estavam ali misturados.

– Havia leis que obrigavam os índios a se casarem com brasileiros para se misturarem.

– Deveriam tornar-se cristãos, abandonando sua religião, pois de ora em diante a única religião, o único culto verdadeiro, era o dos padres. E em nome da nova religião dos dominadores, eles deveriam abandonar sua religião, sua liturgia, seus rituais, sua celebração alegre da vida.

Neste aldeamento padres e religiosos, de acordo com o que se pensava ser o cristianismo naquele tempo, gastaram suas vidas, buscando índios nas matas, batizando, casando, protegendo-os contra os invasores, colocando seus filhos nos colégios, ensinando a todos a doutrina cristã, para torná-los bons cristãos (salvando suas almas) e bons brasileiros.

Mas a alma de um povo não se rende facilmente!



*Frei Serafim
rodeado pelos
primeiros
missionários
coadjutores e
pelos pequenos
índios.*

Os povos indígenas são vítimas de duas formas de extermínio:

– O Genocídio, através da guerra, da morte física com armas ou com doenças passadas propositadamente para eles.

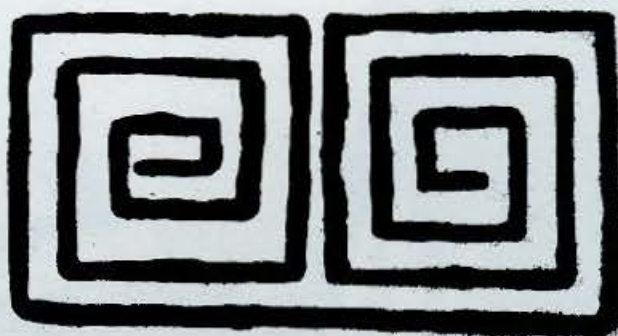
– O Etnocídio, através da destruição da alma desses povos: dos seus costumes, da sua tradição, da sua religião.

Tanto as pessoas que aldearam os índios, até com boas intenções, condenando a guerra feita contra eles e outras violências, protegendo-os contra seus inimigos, tendo a preocupação de civilizar os índios, tornando-os bons brasileiros, como Marlière;

assim como os padres e freiras que, em nome de sua crença, preocupavam-se em transformar os índios em cristãos,

DE UMA MANEIRA DIFERENTE, realizaram o mesmo objetivo daqueles que fizeram a GUERRA ABERTAMENTE:

COLABORARAM NO EXTERMÍNIO FÍSICO E CULTURAL DE VÁRIAS NAÇÕES E NA INVASÃO DE SUAS TERRAS!



PARA REFLETIR

- 1 – Qual o projeto de Teófilo Otoni em relação aos índios?
- 2 – O que você acha que faltou no trabalho da Igreja naquele tempo?
- 3 – Você conhece descendentes de índios na sua região ou comunidade?
- 4 – Por que eles não gostam de dizer que são índios?
- 5 – Como podemos apoiar a luta dos índios que lutam por sua terra em Minas Gerais?

Os povos indígenas são vítimas de duas formas de extermínio:
1. O extermínio físico, devido à guerra, à fome, à epidemia,
2. O extermínio cultural, devido à destruição das suas línguas,
das suas tradições, das suas artes, das suas crenças, das suas
formas de organização social, das suas formas de vida.
Tudo isso constitui um extermínio cultural, que é o mais
perigoso e o mais duradouro. Enquanto não forem tomadas
medidas para a preservação das culturas indígenas, estas
vão desaparecer para sempre.
A luta pela preservação das culturas indígenas é uma luta
pela preservação da diversidade cultural do Brasil.
É uma luta pela preservação da memória dos nossos
ancestrais, é uma luta pela preservação da identidade
nacional.



PARA RETERIR

Este documento contém informações importantes sobre a preservação das culturas indígenas. É necessário que todos os cidadãos tenham conhecimento sobre a importância dessas culturas e tomem medidas para protegê-las.

As culturas indígenas são um patrimônio nacional e devem ser preservadas para as futuras gerações. A luta pela preservação das culturas indígenas é uma luta pela preservação da diversidade cultural do Brasil.

É importante que os governos e a sociedade civil tenham consciência da importância das culturas indígenas e tomem medidas para protegê-las. Isso inclui a criação de políticas públicas que promovam a preservação das culturas indígenas e a luta contra o extermínio cultural.



Maria Maxakali, casada com Mikael



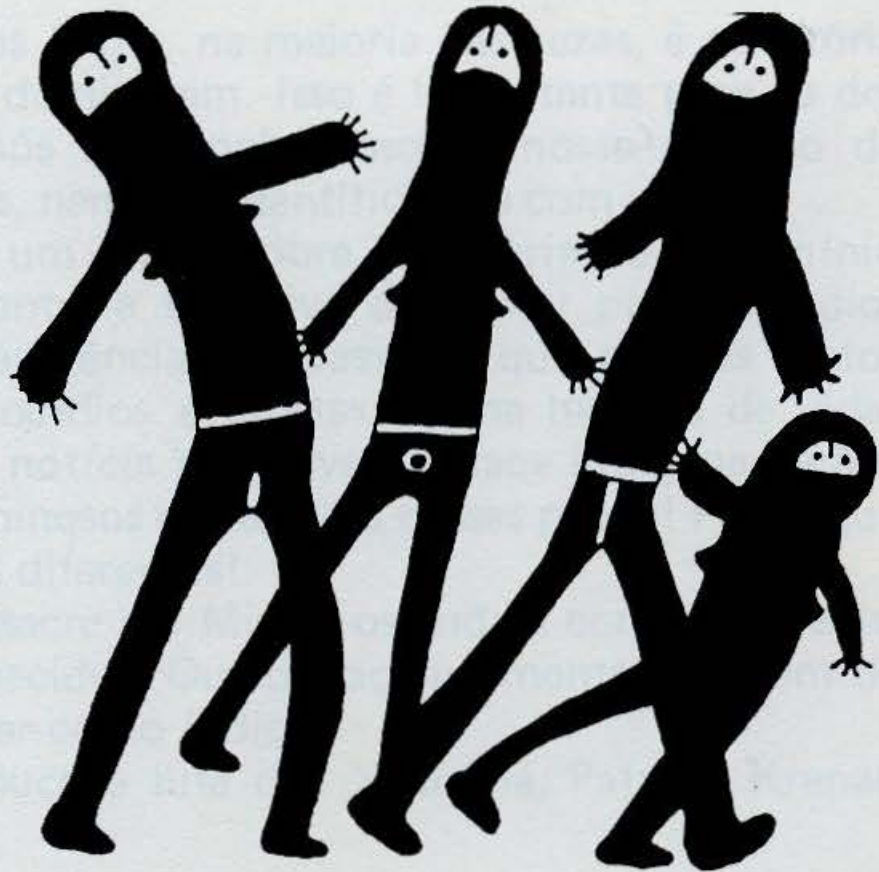
Miss [Name], [Location], [Date]

12

Minas hoje

INTRODUÇÃO

- índios
- negros
- trabalhadores rurais
- operários
- mulheres



2ª Parte



2.1 Parte

1 - Minas hoje

1.1 – INTRODUÇÃO

A história da luta dos oprimidos de hoje:

- índios,
- negros,
- trabalhadores rurais,
- operários,
- mulheres . . .

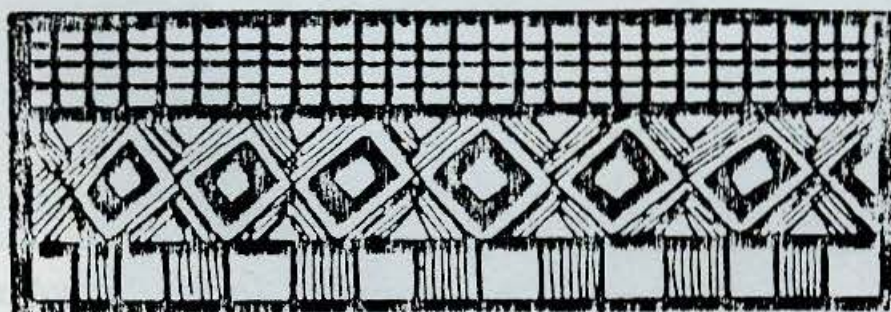
está enraizada na luta dos oprimidos de ontem. Nossa história está muito mais próxima da de nossos antepassados do que daquela que aprendemos na escola.

Esta história contada nos livros, na maioria das vezes, é a história dos que venceram, dos que dominaram. Isso é importante para os dominadores porque, assim, nós não conhecemos o nosso passado de lutas, nossos heróis e mártires, nem nos identificamos com estes.

Este livro não é apenas um relato sobre a história do extermínio desses povos. É, principalmente, a tentativa de contar para os índios e oprimidos a história da resistência, do passado, que dá seus frutos hoje. Apesar de tantos genocídios e mortes é uma história de vida! É um anúncio de uma **boa notícia** que revela a face indígena de Minas, marcada pelos sinais luminosos da rebeldia desses povos! Povos que teimam em viver como povos diferentes!

Apesar de todo esse massacre em Minas, os índios continuam existindo. Alguns são mais conhecidos. Outros, possivelmente, resistem de outra forma, sem se identificar como índios.

Vamos conhecer um pouco a luta dos Xacriabá, Pataxó, Krenak e Maxakali.



Povo	Nº População	Língua	Município	Região	Situação da Terra/Portarias Decretos	Área
Krenak	137	Krenak	Resplendor	Vale do Rio Doce	Demarcada em 1942 - Invasão Só ocupam 128,8 ha. Hoje sub-judice	4.000 ha.
Maxakali	600	Maxakali	Bertópolis	Vale do Mucuri	Não Demarcada 1955 - separadas as duas áreas Água Boa e Pradinho por fazendas	Água Boa 2.412,6 ha. Pradinho 1.028,3 ha.
Pataxó	132	-	Carmésia	Vale do Aço	Fazenda Guarani Área doada pelo Governo de MG à FUNAI/escritura 29/01 de 1974 - registro 18.148 - Ferros	3.000 ha.
Xacriabá	4.235	-	Itacarambi	Vale do São Francisco	Demarcada em 1979, grande conflito com invasores	46.419,9 ha.
Outros não conhecidos	-	-	-	-	-	-
Total	5.104					

Fonte: CEDEFES/CIMI



Índias Pataxó da Fazenda Guarani

1.2 – PATAXÓ – VALE DO AÇO

A Fazenda Guarani, antiga sede de treinamentos anti-guerrilha, foi doada pelo Estado à FUNAI, em 1974, através do Decreto 18.148 (Cartório de Ferros) e se tornou Colônia Penal Indígena, onde foram recebidos os Krenak e os índios de todo o Brasil, considerados criminosos, especialmente os que reclamavam suas terras, como os Pataxó do sul da Bahia.

Na década de 80, os índios nela recolhidos voltaram para as suas terras, permanecendo na Fazenda apenas os Pataxó de Barra Velha – Bahia.

Eles resistem à proposta de entrega da Fazenda ao Estado.

1.3 – XACRIABÁ – VALE DO SÃO FRANCISCO

A invasão de suas terras se acentua a partir de 1967/69, quando a Ruralminas, ao desenvolver grandes projetos agrícolas, atrai fortes grupos empresariais para a região.

A terra é demarcada em 1979, mas perdem um terço dela. A violência se acentua a partir de 1983. São assassinadas importantes lideranças, como Rosalino, em 1987. Policiais, autoridades locais, latifundiários estão envolvidos na negação a seu direito à terra e à vida. Cansados de esperar soluções, eles se organizam trabalhando em mutirão, destruindo as vendas de cachaça e os refúgios de jagunços.



Crianças Xacriabá



Laurita Krenak com sua mãe

1.4 – KRENAK – VALE DO RIO DOCE

São os descendentes diretos do grupo mais aguerrido de Minas e que durante séculos lutam contra as tentativas de extermínio por parte dos brasileiros.

Sua história é marcada pela repressão, deportação, exílio e dispersão.

Exilados durante oito anos na Fazenda Guarani, antiga Colônia Penal Indígena, em Carmésia, eles reiniciam a luta pela recuperação de sua terra. Desta forma conseguiram reunir muitas famílias dispersas.

No Congresso Indígena, em 1984, eles exigem que o governo do Estado e a FUNAI agilizem o processo declaratório de Nulidade de Títulos das propriedades que estão dentro de sua área e que ela seja entregue aos seus legítimos possuidores. Reafirmam a proposta feita à FUNAI em 1982: aceitam a redução dos 4.000 ha., abrindo mão de 55% das terras a troco da retirada dos invasores.

2 - Maxakali: ilha de resistência num mar de opressão

A vida dos Maxakali tem sido até hoje um grito de rebeldia contra todas as formas de opressão. Seu território já foi negociado, mutilado, suas matas devastadas, as madeiras roubadas, sua vida pesquisada, seus filhos mais queridos assassinados. Em vão, mães e viúvas choram sua revolta diante da "justiça" dos brasileiros, pois não são nem ouvidas.

Constantemente são vítimas dos interesses mais absurdos:

– Uns estudam seus costumes e religião para convertê-los em cristãos mais facilmente.

– Outros estudam projetos de desenvolvimento para transformá-los em brasileiros produtivos para a nação brasileira. Criam escolas para ensinar as crianças a como deixar de ser Maxakali.

– Outros têm ações mais a longo prazo, denunciando-os a deputados, minando-os com cachaça.

– Outros continuam chamando-os de vermes preguiçosos, insetos e outras formas de discriminação.

– E outros mostram claramente seu racismo: mandam matar!

De 1967 a 1972, os índios ficam controlados pela polícia militar. Não podem sair da área. Mas isto não significa que seus problemas estivessem resiliados:

– Sua terra foi arrendada para fazendeiros e muito gado foi solto nas pastagens; o lucro não era partilhado com o índio.



Aldeia Maxakali

– Os índios se tornaram dependentes dos produtos do comércio devido a uma enorme mercearia montada na Água Boa, onde recebiam fornecimentos.

– Foi criada a Guarda Rural Indígena – GRIN, para que os índios fossem treinados para ser policiais e controlar seus próprios irmãos.

Na década de 1980, muda o ambiente em volta dos Maxakali:

– Surgem as comunidades de base na região e os trabalhadores se organizam em sindicatos. Aproximando-se mais dos índios, compreendem seus problemas e apóiam suas lutas.

– O povo inicia sua luta pela assistência à saúde e permanência do médico no município.



GRIN – Guarda Rural Indígena – Treinamento em Belo Horizonte, 1967 a 1972

– Em 1982, o PDS₁ e o PDS₂ disputam as eleições com o PT. O PDS₂ ganha a prefeitura, depois de muitas promessas dos políticos de entregar as terras dos Maxakali para os pobres.

– É feita uma campanha para tirar os índios da região. Muito dinheiro corre.

– Pressões, denúncias dos fazendeiros através da imprensa e de deputados, e presença de jagunços próximos às áreas indígenas.

– Os fazendeiros fundam a "Associação dos Fazendeiros e Colonos de Bertópolis."

– CEB's, Sindicato e PT são proibidos de fazer reuniões. Ameaças de morte a trabalhadores, sindicalistas e agentes de pastoral. Envenenamento da cisterna coletiva de Santa Helena. Incêndio do carro da Diocese. Espancamento e sequestro de trabalhadores.

– A polícia vigia as estradas e prende índios.

– A FUNAI responde às pressões dos fazendeiros com a implantação do Projeto de Desenvolvimento Integrado e Assimilação. São contratados muitos professores e estagiários para conseguir acabar de vez com a resistência desse povo.

Com muita garra os Maxakali reagem:

– acompanham as eleições;

– descobrem aliados;

– participam de Encontros e Assembléias Indígenas onde reencontram outros índios;

– denunciam na imprensa seus opressores, usando pela primeira vez os meios de comunicação em sua defesa;

– exigem a unificação de seu território separado por fazendas de gado.



Índia Maxakali

2.1 – CARTA DOS MAXAKALI AO PRESIDENTE DA FUNAI

Em 1982, durante a campanha do PDS, os Maxakali escrevem uma carta ao Presidente da FUNAI esclarecendo sobre os artigos publicados contra eles no jornal Estado de Minas.

Aldeia Maxakali, mês de março de 1982

Senhor Presidente da FUNAI

Nós, três índios Maxakali, vem aqui para conversar com o senhor sobre problema na aldeia. Todos Maxakali sabe que nós veio conversar com o senhor.

Severiano, Laurindo e Cabral é três fazendeiro que mora perto das nossas aldeia e vive atentando o índio. Gado dele já tá entrando tudo dentro do Posto. Comendo muito capim e o índio cobrou dele para pagar. Ele não quer pagar. Então índio matou boi dele para pagar capim. Ele achou ruim e pediu polícia de Bertópolis para matar índio. Depois chamou Capitão Pinheiro, e todo fazendeiro ajudou ele para ficar rico, deu fazenda. Capitão não comprou fazenda. Ele ganhou fazenda. Isso foi agora.

Índio pôs fogo pequeno na fazenda. Polícia veio de Nanuque, foi olhar, cercou índio para prender. ÍNDIO FEZ ISSO PORQUE NÃO QUER CAPITÃO PINHEIRO LÁ NA ALDEIA, NEM VIZINHO. Manda nós pedir Presidente para tirar Capitão Pinheiro de lá. Nós já conhece Capitão Pinheiro. Ele é da Polícia Militar de Minas. Ele já morou na aldeia com nós e fez muita coisa ruim no tempo da GRIN. Judiou muito o índio. Prendeu. Bateu. Por isto o índio não quer ele lá. Ele trabalhou sete anos de sofrimento para nós no Posto. Ele tá doido para entrar de novo. Índio não quer que ele volta.

Ele mandou jornalista do jornal Estado de Minas fazer reportagem e ele só perguntou os grandes. Andou com Cabral e Raul Abrantes, Presidente do Sindicato deles e pôs no jornal só coisa que não é verdade:

1 – Não é verdade que índio tá furtando e roubando e botando empregado de fazendeiro prá fora. Fazendeiro falou no jornal que nós faz estas coisas. A verdade é esta:

– Índio Arquelino foi fazer a feira em Batinga na Bahia. Daí vinha embora para aldeia.

Sentou na sombra, na fazenda de fazendeiro Piduca. O vaqueiro de Cabral foi e brigou com ele. Atirou de espingarda 22 de bala, e duas carabina. Quando acabou bala correu. Encontrou Arquelino. Os dois vaqueiro bateu, bateu, e ele caiu. Tava quase morto. Cabeça inchada. Fazendeiro pôs no jornal que foi índio que atacou. Mas a verdade é está: o vaqueiro que atacou foi mandado por Cabral.

2 — *Índio só mata boi quando entra no Posto. Como é que índio ia comer mil cabeças de gado? Isso é mentira. Nós não sai para matar. FAZENDEIRO TÁ QUERENDO É TERRA DE ÍNDIO QUE É BOA E TEM MUITO CAPIM. E TÁ FAZENDO FORÇA, ATENTANDO PARA OS ÍNDIOS SAIR. Como é que vai acabar com roça, se fazendeiro SÓ TEM BOI E NÃO FAZ ROÇA?*

3 — *É mentira que índio roubou toda a roupa dos empregados das fazenda. Índio não precisa de roupa velha para pegar doença de civilizado. Índio não sai 30 km da aldeia para roubar tudo. É mentira PARA APANHAR A TERRA! O senhor tá longe e não sabe. Mas nós tá lá e sabe a coisa errada. Eles tira retrato de caveira de gado e fala que índio que matou. Vaca morre, urubu come e fala que índio que comeu. TEM MUITA MENTIRA.*

4 — *Jornalista botou no jornal que povo pobre da região vai embora para a cidade grande por causa de índio. Mas TODO MUNDO SABE QUE CIVILIZADO POBRE VAI EMBORA PORQUE NÃO TEM MAIS TERRA PARA TRABALHAR, POIS FAZENDEIRO SÓ QUER CRIAR BOI. Daí os índio quer que os fazendeiro mora mais longe um pouco. Pois eles encostou nos índio e fica atentando os índios e fazendo fuxico.*

5 — *Saiu no jornal sobre o caso do nosso irmão João Cego Maxakali. Ele não morreu bêbado. Ele foi passear em Medeiros Neto na Bahia com outro companheiro. Todos fazendeiro viu que ele saiu da aldeia para a cidade. Caminhão foi atrás. Foi mandado. Fazendeiro mandou pegar qualquer índio com caminhão. Caminhão foi prá lá de Itanhém, na Bahia. MULHER CIVILIZADA IA COM MENINA NA ESTRADA. IA PARA A CIDADE. DAÍ CAMINHÃO FOI ATRÁS DELA PENSANDO QUE ERA ÍNDIA. JOGOU CAMINHÃO NELA. MULHER GRITOU E PULOU E RASTOU A MENINA. Quase pega. Ela ficou chorando. Mulher olhou na frente do caminhão e viu João Cego sentado na sombra descansando sol quente. Virou caminhão. João Cego queria sair mas o barranco era grande e não teve jeito. Quebrou perna, braço, cabeça. Tirou banda de cabeça. Caminhão correu. A mulher ci-*

vilizada viu João Cego. Ela ficou perto de João Cego. Chegou outro carro. Deu a mão para parar o carro. Esse carro levou João Cego morto para Medeiros Neto na Bahia. Chegou lá levou no hospital. Mas já tava morto. Juntou os índio e falou ... Arranjou outro carro e levou para a terra dele: PRADINHO. Lá em Medeiros Neto tinha muito amigo dele lá. Aí trouxe. Nós não sabe ainda quem é o dono do caminhão. O ÍNDIO QUER FICAR SABENDO. Mas o povo lá sabe e não quer falar. O povo de Batinga e Medeiros Neto fala que João Cego tava bêbado e querendo brigar. Mas a verdade é esta: JOÃO CEGO ERA BOM. SABIA TUDO DE NOSSA RELIGIÃO E ENSINAVA!

6 – Até prefeito de Bertópolis fala de sofrimento de fazendeiro para ajudar fazendeiro. MAS ELE TAMBÉM TEM TERRA PERTO DO ÍNDIO . . .

7 – O retrato que saiu de Serrinha é caso antigo. Mais de cinco anos atrás. O fazendeiro Serrinha tava roçando pedaço de terra de Capitãozinho para fazer roça grande. Queria comprar a terra e deu quatro vacas para pagar. Capitãozinho não aceitou. Ele ficou com raiva. Um índio foi pescar perto dele. Ele achou ruim e mandou o índio embora. Índio falou: – Deixa pescar mais um pouquinho. Serrinha pegou foice e jogou na perna de índio Valdestino. Outro índio pegou Serrinha e derrubou. Outro índio menino jogou facão na cacunda dele. Aí ele falou que cortou muito. Serrinha correu e índio veio embora. Foi só isso.

8 – O caso da família Botelho que saiu no jornal foi quatro anos atrás. Geraldo Botelho não é gente boa não. É atentado. Índio veio de Santa Helena passou na terra dele para tomar água. Na casa dele. Botelho não gostou. Xingou o índio. Mandou embora. Índio achou ruim. Pegou pau bateu no índio. Cortou cabeça. Quase matou. O pai dele veio. E voltou para brigar com ele. Geraldo Botelho correu. Índio não bateu nele. Mas matou cachorro para pagar. Ele não tinha cinquenta galinhas para nós matar. Os carneiro andava esparramado. Como ia levar tanto gado para a aldeia? Não levou nem a égua. É tudo mentira. A cerca de três metros de altura perto da casa dele é muito antiga e não foi porque tem medo do índio. Foi para cercar quintal. Isso todo mundo sabe.

9 – Nós quer falar também que foi pouca coisa que a FUNAI levou para índio no Posto: arroz, farinha para vender para o índio. FUNAI manda índio comprar na cantina. Índio trabalha na roça e recebe DINHEIRO BRANCO para comprar arroz. Se não trabalhar não faz

feira. Quem trabalha faz feira. Quem não trabalha fica sem comer. Como é que pode? É para morrer de fome? O povo todo fala que índio é preguiçoso e não trabalha. Mas nós faz roça: planta batata, mandioca, feijão, milho. Planta tudo. Planta melancia. Mas DINHEIRO BRANCO QUE ÍNDIO RECEBE NÃO SERVE PARA COMPRAR FORA DA CANTINA. ELE PRECISA DE OUTRO DINHEIRO PARA COMPRAR OUTRA COISA: CARNE, ROUPA. SE RECEBE SÓ DINHEIRO BRANCO, ÍNDIO FICA PELADO. PRECISA DE DINHEIRO BOM, IGUAL TODO MUNDO, DINHEIRO VERMELHO.

10 — O Delegado Regional não quer fazer reunião com índio. Só faz com fazendeiro. Índio quer saber o que eles tá falando na reunião. Índio precisa fazer a reunião e o delegado tem que ouvir. Delegado não vai lá. Tem que saber o que o índio tá falando e querendo. Ele só recebe ordem do fazendeiro. Ele tá fazendo só reunião com fazendeiro não fica sabendo a verdade . . . Índio sabe de tudo dos empregados. Os que é ruim para o índio e os que é bom. O senhor está longe. Eles fala coisa. E o senhor pensa que é verdade mas não é.

Para terminar a carta, nós quer falar que fazendeiro já tem muita terra. Até fazenda de Severiano era de índio. Era aldeia antiga. Por que para pagar eles não dá um boi todo mês para matar na aldeia?

Índio queria vir conversar com o senhor. Mas funcionário da FUNAI não deixa. Índio teve que pedir ajuda de amigos que veio trazer até aqui. Brasília é longe. Por isso FUNAI se quisesse ficar do lado do índio devia ajudar índio vir aqui. Xavante vem. Krenak veio. Maxakali nunca veio.

Para terminar nós queria convidar Presidente para ir no Maxakali para ouvir todos os Maxakali e não só ficar sabendo notícia de fazendeiro no jornal. O QUE NÓS NÃO QUER É O CAPITÃO PINHEIRO LÁ. NÓS SABE DE MUITA COISA RUIM DELE — E QUE PODE FALAR. É PRA ELE VOLTAR QUE OS FAZENDEIROS TÁ FAZENDO A CAMPANHA NO JORNAL E PEDINDO DEPUTADO PARA FAZER CAPITÃO PINHEIRO VOLTAR.

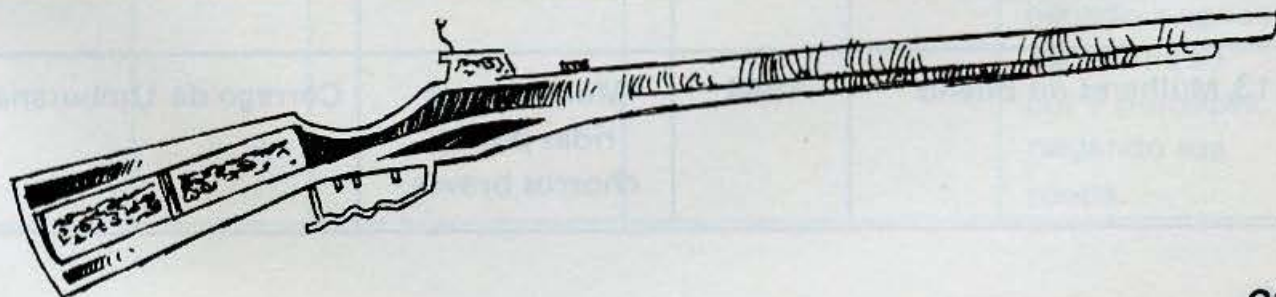
NOSSO NOME É
CARMINDO MAXAKALI
TINTIN MAXAKALI
GUSTAVO MAXAKALI



DINHEIRO BRANCO para comprar arroz. Se não tem... Índias Maxakali

2.2 – VIOLÊNCIAS, MORTES E SEUS RESULTADOS ENTRE OS MAXAKALI – 1955 A 1987

NOME	DATA	TIPO DE VIOLÊNCIA	LOCAL	CAUSA/ DETALHES
1. Raimundo Maxakali	?	Assassinato	Área intermediária do Pradinho	?
2. Antônio Cascorado Maxakali	24.12.55	Assassinato Tocaia	Córrego do Pradinho	Ele foi um dos participantes da guerra do Pradinho na defesa da terra. Foi assassinado logo depois em represália.
3. Gero Maxakali	Entre 67 e 72	Morte-vítima de espancamento da PM	Água Boa	Foi preso e espancado por estar bêbado.
4. Tiago Maxakali	1978	Assassinato	Fazenda de Onofrão - hoje de Valdivídio do Lúcio.	Foi atingido por um tiro na coxa num confronto entre PM, fazendeiros e moradores de S. Helena. Depois foi assassinado a pauladas.
5. Filho de Valdístino Maxakali	1981	Desnutrição	Aldeia Pé-da-Pedra	Consequência da epidemia de cachumba e gripe nas aldeias.
6. Pai do Konõ Maxakali	1981	morte	Aldeia Pé-da-Pedra	?



NOME	DATA	TIPO DE VIOLÊNCIA	LOCAL	CAUSA/ DETALHES
7. Maxakali Arquelino	1981	Espancamento	Estrada do Pradinho Fazenda de Chiquinho	Arquelino é espancado por um vaqueiro e obrigado a beber uma garrafa de cachaça. Fica em coma. É tratado em Águas Formosas
8. Viola Maxakali	1981	Espancamento	Estrada de Itanhém	Em uma viagem, Viola bebeu e ficou na estrada. Foi espancada.
9. 4 crianças	1982	Desnutrição	Hospital de Águas Formosas	Consequência do projeto implantado pela FUNAI (PDI).
10. João Cascorado Maxakali	1983	Atropelamento	Estrada de Medeiros Neto – BA	Um caminhão é jogado primeiro sobre uma brasileira e depois sobre ele.
11. Alcides Maxakali	10.07.83	Assassinato	Fazenda Laurindo Sena	Assassinado por um empregado da Fazenda.
12. Paulene Maxakali	1984	Invasão de suas roças pelo gado de Pinheiro	Pradinho	Não há cercas. O gado passa livremente para as roças ou as porteiras são abertas propositalmente.
13. Mulheres do Bueno	1984	Mulheres corridas por cachorros bravos.	Córrego da Umburana	As mulheres são impedidas de pescar.

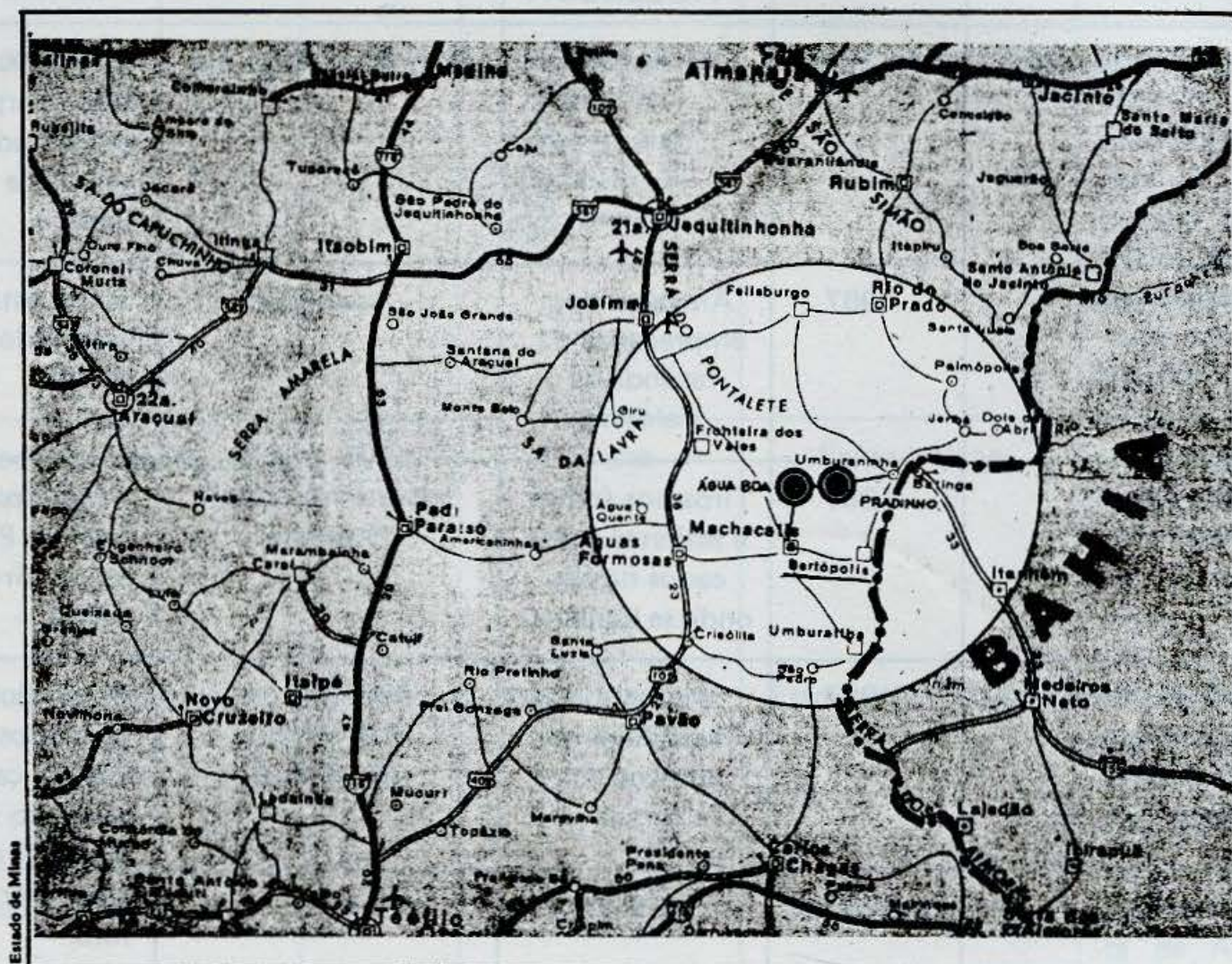


NOME	DATA	TIPO DE VIOLÊNCIA	LOCAL	CAUSA/ DETALHES
14. Oscar Maxakali	1984	Igual ao 18	Pradinho	Igual ao 18
15. Zazá Maxakali e Capitãozinho	1984	Surra de cassetete	Estrada intermediária	Ela e seu pai Capitãozinho queriam impedir a prisão de Jua-rez Maxakali. Apanham da polícia.
16. Índios	1984	Tiros do jagunço João Vermelho	Aldeia do Bueno	João Vermelho, jagunço contratado para vigiar a fazenda de Severiano Sena, atira nos índios da aldeia para aterrorizá-los.
17. Maria Elisa Maxakali	1985	Espancamento	Santa Helena	Um soldado bêbado a agride, dando-lhe so-cos e pontapés, rasgando sua roupa.

NOME	DATA	TIPO DE VIOLÊNCIA	LOCAL	CAUSA/ DETALHES
18. Índios	1985	Proibição dos índios de passar na área intermediária das reservas	Estrada intermediária	O filho de um fazendeiro quer impedir que os índios passem na estrada que liga as aldeias de Água Boa e Pradinho.
19. Modesto e Mariquinha Maxakali	1985	Bombas	Santa Helena	Ex-soldado joga bombas para espantar os índios na terra.
20. Mulher de Marcelino	1985	Desidratação	Estrada do Pradinho	Morre ao sol enquanto o marido vai buscar socorro.
21. Capitãozinho	1986	Enfarte	Adeia Pé-da-Pedra	Depois da morte de Alcides, Capitãozinho foi desgostando e adoecendo. Morreu de enfarte durante uma festa.
22. Valdistino	1986	Desidratação	Águas Formosas	Não conseguiu se recuperar de um tiro na barriga.
23. Um adulto	1987	Sarampo	Pradinho	Consequência do surto de sarampo nas aldeias.
24. 6 crianças	1987	Sarampo	Pradinho	Consequência do surto de sarampo nas aldeias.

NOME	DATA	TIPO DE VIOLÊNCIA	LOCAL	CAUSA/ DETALHES
25. Osmino Maxakali	12.01.87	Assassinato	Estrada da Água Boa	Desaparecido. Seu corpo é encontrado perto de uma fazenda.
26. Vários índios	1987	Ameaças dos empregados da fazenda de Valdívio	Água Boa	Índios estão dormindo fora de casa.
27. Vários índios	1987	Tiros nos índios e estiletes colocados no rio onde se banham	Rio Umburana Pradinho	Vaqueiro do Capitão Pinheiro dá tiro nos índios.
28. Vários índios	1987	Mulher de fazendeiro dá cachaça aos índios	Fazenda de Alfredinho (Pradinho)	Os índios são induzidos a invadir a casa do agregado que o fazendeiro quer pôr para fora.
29. Aldeia do Pé-da-Pedra	1987	Visita de antropóloga	Pradinho	FUNAI tenta trazer de novo antropóloga responsável pelo PDI-A.
30. Toda a Nação Maxakali	1987	Invasão de suas terras	Pradinho	FUNAI contrata 63 meeiros para colher capim nas pastagens dos índios
31. Toda a Nação Maxakali	1987	Desrespeito às decisões dos índios	Pradinho	FUNAI permite reabertura de estrada que corta a terra dos índios, já fechada por eles em 1981.

2.3 – A REGIÃO DO CONFLITO



Município de Bertópolis

– População do município

Nº de habitantes
10.309

Área urbana
3.785

Área rural
6.524

– Terras

Até 100 ha. – 286 propriedades ocupam – 11.378 ha.
100 a 500 ha. – 163 propriedades ocupam – 31.108 ha.
500 a 2.000 ha. – 22 propriedades ocupam – 18.882 ha.

(Censo Demográfico, IBGE, 1980)

Isso significa que 22 propriedades ocupam 1/3 do município, enquanto 286 propriedades ocupam 1/6 do município e as médias propriedades ocupam a outra metade.

A média de habitantes por km² é muito baixa (10 pessoas por km²). Das quase 2.000 famílias do município nem a quarta parte tem terra (só 471 propriedades, sendo que algumas famílias têm duas ou mais).

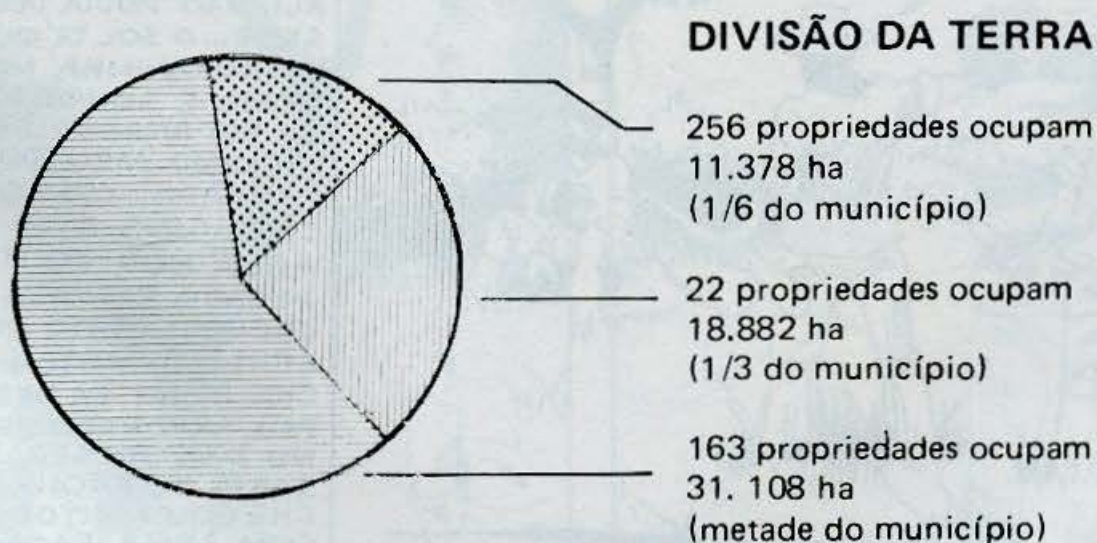
Há 4 bois para cada habitante do município – 38.580 bois para 10.302 habitantes.

Isso significa que a maior parte das terras são destinadas para o boi. A cultura está acabando.

Só 50 proprietários não têm pasto plantado. Desses 50, 19 têm pastos naturais de modo que só há 31 propriedades exclusivamente agrícolas.

Como os índios e os pobres podem viver com este avanço do boi?

As 20 maiores propriedades ocupam 50 vezes mais terra que os 600 Maxakali.



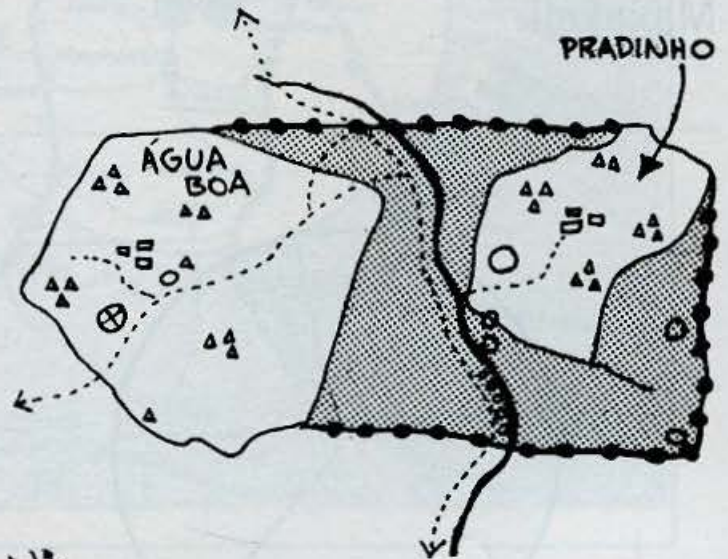


COMO MATARAM



ALCIDES, JOVITA, CACIQUE DAMASIO, RAMIRO E OUTROS, ESTÃO VOLTANDO DO SUL DA BAHIA. VENDERAM BASTANTE FEIJÃO...

- △△ ALDEIAS
- ESTRADA
- ▒ AREA INVADIDA PELOS FAZENDEIROS



RELATO DE ZE' RAMOS MAXAKALI:

"OS FAZENDEIROS ALI DO MEIO DEU ORDEM PARA EMPREGADOS DELE NÃO DEIXAR NINGUÉM PARAR ALI. NÃO PODIA DESCANSAR. SEDE... O SOL TÁ QUENTE. UMBURANINHA NO PRADINHO É LONGE DEMAIS EU FUI ANDANDO COM MENINO MEU QUE TAVA CANSADO... COM SEDE... CARMINDO E OS DE ÁGUA BOA JÁ TINHA PEGADO ESTRADA DE LA'. CHEGUEI PERTO DA FAZENDA DE ANTONIO FABRICIO. PAREI LA DEBAIXO DE PAU. ARVOREDO PRA MENINO DESCANSAR. EU NÃO SABIA DE PROIBIÇÃO... CHEGOU MUITOS HOMEM COM ARMA, FACÃO..."





ZE' RAMOS E SEU FILHO JA' SE FORAM
 HA MUITO TEMPO. ANOITECE...
 ALCIDES MAXAKALI E SEU GRUPO
 VEM PELA ESTRADA. PARAM PERTO
 DA FAZENDA DE LAURINDO SENA
 PARA DESCANSAR... ALGUNS BEBE-
 RAM. E' PRECISO PASSAR O MAU
 ESTAR.





E FOI ASSIM, COMENDO DO PÃO DOS ÍNDIOS E FUMANDO DO FUMO DELES, QUE "ZE' ROLINHA" SE CHEGOU E OBSERVOU ASTUTAMENTE A SITUAÇÃO...











ZE' ROLINHA SE APROXIMA DE ALCIDES E... CORTA SUA ORELHA! A SEGUIR SEMPRE POR TRÁS DESFERE VIOLENTO GOLPE NO PESCOÇO DE ALCIDES!...



E A CAÇADA
CONTINUOU NOITE
ADENTRO! ENQUANTO
FUGIAM PELO BREJO,
EM MEIO A ESCURIDÃO, E
A LAMA OUVIAM OS
GRITOS DOS JAGUNÇOS,
ECOANDO NAQUELA NOITE
DE TERROR: "CERCA ELES
NA BEIRA DO BREJO!"
"NÃO DEIXA ESCAPAR!"
"PEGA!" "CERCA!"
"NÃO DEIXA
FUGIR!"





É JÁ MADRUGADA DO DIA 10-7-83 QUANDO MALTRAPILHOS E CANSADOS OS ÍNDIOS CHEGAM AS ALDEIAS. UM CARRO COM UM TIME DE FUTEBOL DE "BERTÓPOLIS" VOLTANDO DE "RIO DO PRADO", ENCONTRA UM CORPO NA ESTRADA. É ALCIDES - OS JAGUNÇOS HAVIAM ARRASTADO O CORPO PARA A ESTRADA PARA NÃO CARACTERIZAR QUE O ASSASSINATO OCORRERA DENTRO DA FAZENDA. AINDA COM VIDA ALCIDES É LEVADO ATÉ O POSTO DA FUNAI. A FUNAI MANDA BUSCAR A MÉDICA EM "MAXAKALIS" A QUASE 40KM. QUANDO CHEGA, É TARDE. ALCIDES MORRE.

SÃO 2 HORAS DA TARDE DO DIA 10-7. O DESESPERO DO POVO MAXAKALI É IMENSO. GRITAM OS NOMES DOS ASSASSINOS: ZE' ROLINHA, ZE' MOURA E GERALDO. A DOR PARECE NÃO TER FIM E ESMAGA A TODOS. AS MULHERES ARRANCAM OS CABELOS. OS HOMENS ROLAM PELO CHÃO. TODOS PEDEM JUSTIÇA!

OS ÍNDIOS RECUSAM O CAIXÃO QUE O ENFERMEIRO DA FUNAI OFERECE: "SAI, NÓS VAI ENTERRAR DO NOSSO JEITO!!". AS 15:30 ALCIDES É LEVADO PARA O CEMITÉRIO DOS ÍNDIOS. A MÃE, IZABEL, SE AGARRA AO FILHO. OS FILHOS CHORAM A BEIRA DO CAIXÃO. JOVITA, A MULHER, CORRE PARA A ROÇA E ALI FICA APANHANDO PUNHADOS DE TERRA!





*Jovita Maxakali,
viúva de Alcides*



*Sílvio, Índio Maxakali
do Pradinho*

2.5 – QUEM É ALCIDES?

Alcides é filho do Grande Cacique Capitãozinho, falecido em maio de 1986.

Desde pequeno Alcides estava sendo preparado pelo pai para substituí-lo. Aprendeu com o pai as velhas lições dos antepassados e que fazem dos Maxakali um povo forte, corajoso e temido.

Segundo os índios mesmos contam, “era um índio de coração bom. Era humilde. Gostava de trabalhar na roça e era obediente ao pai.” Como é costume entre os Maxakali, Alcides, bem jovem, casou com Jovita e tiveram filhos. Não gostava de bebidas dos brancos. Quando havia qualquer confusão que ele não podia ajudar a resolver, saía calmamente e ia para a casa do pai ouvir sua opinião. “O pai ensinou tudo da nossa religião para ele. Muitas vezes, ele e o seu pai subiam para o MIKAI KAKÁ, lugar sagrado”. Diz Lourenço Lopes da Silva, brasileiro, amigo dos índios: “Era bom filho. Bom marido. Bom pai. Foi um bom Maxakali.”

2.6 – REPERCUSSÃO DO ASSASSINATO DE ALCIDES MAXAKALI

2.6.1 – Nota da Diocese de Teófilo Otoni

A morte do índio Alcides Maxakali na noite de 10 de julho de 1983, deixou o seu povo visivelmente transtornado. Alcides era filho de Capitãozinho, Cacique muito respeitado pela tribo e até pelos brancos da vizinhança. Capitãozinho educou seus filhos segundo a escola Maxakali, de acordo com a responsabilidade de um cacique. Alcides quase não saía da aldeia e era um homem pacífico. Na hora em que foram atacados, Alcides e seus companheiros estavam na beira da estrada descansando da viagem. Depois de atacados, desarmaram o vaqueiro e jogaram o facão no mato sem revidar os ataques. Apesar disso os vaqueiros se armaram de novo e conseguiram pegar Alcides.

A grande preocupação da tribo hoje é saber se os assassinos estão presos ou vão ficar soltos para repetir seus ataques. A verdade é que José Moura fugiu mas **Geraldo e José Rolinha foram presos em flagrante** e muita gente os viu presos em Bertópolis dia 11. No dia 12 “o sigilo do inquérito já não permitiu vê-los”. No dia 13 eles deram seu depoimento ao Delegado especial. E, a partir daí, os delegados confirmam aos

jornais que eles são apontados como responsáveis pelo crime, mas estão foragidos. Essa fuga tem responsáveis: políticos, fazendeiros e autoridades policiais.

Isso é perigoso para os índios e para a população envolvente. A história não registra que algum dia um Maxakali tenha matado um brasileiro. Mas eles já contam seis Maxakali assassinados pelo brancos. Eles sabem que os responsáveis sempre ficaram impunes. E daí vem sua justa indignação: "Índio não é bicho, não."

Embora os vaqueiros apontados sejam conhecidos como violentos, os índios dizem que alguém é mandante. Vários fazendeiros ocupam terras que separam as duas áreas Maxakali. Todos sabem que os índios ainda consideram essas terras como deles. Daí nasce a violência desses fazendeiros contra a presença incômoda dos índios na vizinhança, reclamando de vários modos seu direito sobre a terra.

O jornal Tribuna do Mucuri, de dezembro de 1982, publicou notícia denunciando que a facção do PDS que ganhou o poder em Bertópolis conseguiu a vitória graças à articulação do Capitão Pinheiro com os fazendeiros, tendo em vista o fortalecimento político para a expulsão dos índios. Os índios souberam disso e fiscalizaram os eleitores para saber quem estava do lado dos fazendeiros.

O Capitão Pinheiro é conhecido em Belo Horizonte como ecólogo, defensor dos peixes e dos rios. Mas foi ele que em 1972 expulsou os Krenak de suas terras. É temido pelos Maxakali e por isso recebeu como presente dos fazendeiros uma fazenda vizinha da aldeia do Pradinho. Embora não exista cerca, a fazenda está cheia de gado e os vaqueiros penetram armados em território demarcado Maxakali.

É voz corrente entre o povo, que depois do acordo de paz entre fazendeiros e Maxakali, com o apoio da FUNAI, qualquer um pode atirar nos índios, porque a FUNAI não se responsabiliza por eles quando estão fora da área. De fato, na última semana houve pelo menos três ataques aos índios em estradas e no rio, quando estavam pescando. Parece que a morte de Alcides faz parte de um plano maior contra os índios. É isso que deve ser investigado. O apelo da FUNAI para a Polícia Federal não teve resposta. E isso quer dizer que os fazendeiros estão fortes.

Pedimos que sejam enviadas cartas de solidariedade aos índios (A/C do CIMI — Cx. Postal 84 — 39 800 — Teófilo Otoni) e cartas exigindo apuração dos fatos para:

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA — Dr. Carlos C. Peixoto
Praça da Liberdade — 30.000 — Belo Horizonte

Índio morre a pau e faca

Um índio Maxacali foi morto a noite de sábado último, na estrada que liga a reserva à cidade de Felizburgo, no Vale do Jequitinhonha. A informação foi prestada pelo delegado regional de Segurança Pública de Teófilo Otôni, Márcio José Bittencourt.

MORTO PELOS PRÓPRIOS COMPANHEIROS

Segundo o delegado Márcio José Bittencourt, o índio foi assassinado pelos próprios companheiros da reserva, que se encontravam embriagados. A autoridade explicou que, no sábado, um grupo de 14 índios Maxacali deixou a reserva e se dirigiu a Felizburgo, com o objetivo de passear. Depois de umas voltas pela cidade, os índios começaram a tomar uns aperitivos aca-

bando por se embriagar. Ficaram na cidade até altas horas da noite, quando decidiram voltar para a reserva.

No caminho de volta, os índios começaram a brigar, resultando na morte de um dos membros do grupo, a pauladas e facadas.

O corpo só foi localizado na manhã de domingo, quando populares passaram pelo local.

O delegado regional mandou instaurar Inquérito com vistas a esclarecer os detalhes do assassinato.

Tribuna do Mucuri
12.07.83

Segurança investiga assassinato do índio

A Secretaria de Segurança Pública determinou ontem ao delegado regional de Teófilo Otoni, Márcio Bitencour, investigar a morte do índio maxacalide nome Alcides e os espancamentos sofridos por sua mulher Jovita, próximo da reserva de Pradinho, onde moravam, no município de Maxacalis, Nordeste de Minas.

Segundo denúncia do padre Samir Gazel, vigário da paróquia de Maxacalis, capangas de um fazendeiro conhecido por "Laurindo" foram os autores do assassinato do índio e dos espancamentos em sua mulher, provocando a revolta entre os Maxacalis que ainda recordam a morte do índio Valdomiro, nas mesmas circunstâncias, há pouco menos de um ano.

O descontentamento dos índios é ainda maior porque, segundo a denúncia do padre Samir Gazel, a polícia "nunca chegou aos verdadeiros culpados pela morte de Valdomiro". Eles temem que o mesmo possa acontecer agora com o assassinato de Alcides e os espancamentos em sua mulher, fato que chegou ao conhecimento do dele-

gado regional na noite de segunda-feira.

No caso de Valdomiro, as informações que chegaram à polícia revelam que ele se envolvera em bebedeira e numa briga com outros índios, sendo morto pelos próprios companheiros, embora se denunciasse o contrário, ou seja, envolvimento de empregados de fazendeiros na região do crime.

Agora, o mesmo acontece com relação à morte de Alcides e à agressão à sua mulher. Apesar da denúncia do padre Samir Gazel, o delegado Márcio Bitencourt recebeu a informação de que o índio esteve bebendo e se envolveu numa briga sendo então morto pelos companheiros de tribo, repetindo o caso Valdomiro.

De qualquer forma, cumprindo determinação da Secretaria de Segurança Pública, o delegado Márcio Bitencourt enviou à região dos Maxacalis o delegado Antônio Carlos Lima, um escrivão e dois detetives que vão fazer as investigações, tomando depoimentos de testemunhas, que serão levadas ao delegado regional através de relatório.

Estado de Minas
13.07.83

Identificados os 3 assassinos do índio

O delegado regional de Teófilo Otoni, Márcio José Bitencourt, em telex enviado ontem à tarde ao secretário de Segurança Pública, Carlos Fulgêncio da Cunha Peixoto, informou que os assassinos do índio maxacali, Alcides, foram finalmente identificados, mas estão ainda foragidos.

Segundo o delegado, "José Rolinha", Geraldo de tal e José Moura estavam juntos quando o índio foi atacado com facão e porretes. O policial disse ainda que o índio estava em companhia de três índias e um outro homem e que todos se encontravam embriagados.

Os seis vinham da cidade de Medeiros Neto, no sul da Bahia, onde, como disse o delegado, podem comprar cachaça livremente. Na estrada que liga Felisburgo a Bertópolis foram cercados pelos três. "José Rolinha" atacou-os com um facão, atingindo Alcides em várias partes do corpo.

A prisão preventiva para "José Rolinha", que trabalha com o fazendeiro de nome Laurindo, será pedida ao juiz de Pedra Azul. Os três implicados na morte do índio maxacali deixaram a região, segundo o delegado An-

tônio Carlos Lima, enviado a Bertópolis para apurar o assassinato.

Outra versão

A Comissão de Justiça e Paz, de Teófilo Otoni, teve conhecimento do assassinato e ontem informou, através de uma nota, que a polícia havia conseguido prender dois dos implicados e que eles já se encontravam na cadeia de Bertópolis.

Na mesma nota a Comissão de Justiça e Paz desmentiu a versão policial. O índio maxacali assassinado não estava em companhia de três índias e um companheiro de tribo. Ele retornava de Medeiros Neto, acompanhado da esposa e não se encontrava embriagado. Ele comia pão, quando foi atacado por "José Rolinha".

No final da tarde o Partido dos Trabalhadores de Teófilo Otoni também divulgou uma nota afirmando que os dois suspeitos presos na cadeia pública de Bertópolis foram soltos pela própria polícia. Na nota oficial o partido faz referências ao assassinato do índio Valdemiro, ocorrido há algum tempo, que continua "misterioso".

Maxacalis vivem sob clima de tensão

Sob um clima de tensão "nunca visto" na região, a polícia federal ainda aguarda a indicação de um intérprete, por parte da Funai, para saber quem foram os assassinos do índio Alcides, encontrado morto a facadas e pauladas, no município de Bertópolis, quase divisa de Minas com Bahia, onde se localizam e sobrevivem em quase total abandono os últimos remanescentes Maxacalis do País. Segundo o delegado Antônio Carlos Miranda Lima, da Regional de Teófilo Otoni, que já instaurou inquérito policial, somente a índia Jovita, esposa do Maxacali morto, poderá confirmar a identidade dos envolvidos no crime, já que ela também foi espancada e quase morta pelos agressores no episódio que vem revoltando a população indígena das reservas de Pradinho e Água Boa, naquela região.

Segundo denúncia da Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri, que há tempos vem acompanhado o drama dos índios Maxacalis, o índio Alcides foi assassinado por dois vaqueiros empregados do fazendeiro Laurindo Pereira Sena, um dos maiores latifundiários da região. A denúncia traz também o aval do Conselho Indigenista Missionário, da Paróquia de São Sebastião e, ainda, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bertópolis.

Tais entidades sustentam que o crime ocorreu na noite de segunda-feira passada, entre as 19h e 21h, com a vítima vindo a falecer às duas horas da madrugada seguinte. O índio Maxacali voltava para a aldeia, acompanhado da esposa Jovita e de outros índios, quando todos foram atacados por dois vaqueiros empregados de Laurindo, na estrada que liga Bertópolis e a reserva indígena de Pradinho e que passa dentro da propriedade do fazendeiro. Os vaqueiros perguntaram se eles levavam cachaca consigo, lançando-lhes, em seguida, os cavalos que montavam. Armados com facões e paus, os vaqueiros deceparam primeiramente a orelha esquerda de Alcides, imobilizando-o depois com diversas pauladas na cabeça e no pescoço.

A mulher de Alcides — a principal peça do inquérito que determinará a real responsabilidade do crime — também foi espancada pelos vaqueiros, fi-

cando com várias escoriações pelo corpo e um forte traumatismo psicológico por ter testemunhado a morte do marido, segundo denúncia da Comissão de Justiça e Paz da diocese de Teófilo Otoni. Embora o delegado Antônio Carlos de Miranda Lima tenha garantido que, no prazo de 30 dias, concluirá o inquérito policial instaurado sobre o assassinato do índio Maxacali, os indigenistas mineiros temem que os fazendeiros da região consigam manobrar não apenas a polícia, como a própria opinião pública, responsabilizando os índios pelo acontecido.

A situação

O drama Maxacali foi mostrado pelo ESTADO DE MINAS, através de uma série de reportagens publicadas no ano passado (Prêmio Esso Regional de Jornalismo), que documentaram o estado de abandono das duas aldeias administradas pela Funai, naquela região, e a pressão dos fazendeiros sobre as suas populações, que costumam invadir suas terras em busca de alimento. Se os índios são acusados de "invasores" e "matadores de gado" pelos fazendeiros, estes, por sua vez, são acusados de ter-se apropriado das terras que pertenceram aos seus antepassados, tomadas dos índios em uma — até hoje — mal contada demarcação agrária.

As duas reservas Maxacalis ocupam uma faixa descontínua de 3.133 hectares, ilhadas por grandes fazendas de gado. Nestas aldeias vivem 130 mulheres, 118 homens e 140 crianças índias, em quase completa e absoluta miséria. Somente as fazendas de Taurindo Pereira Sena e de Valdevino da Silva Cabral, os vizinhos mais próximos dos índios, ocupam uma área quase equivalente à metade das reservas de Pradinho e Água Boa. Os últimos sobreviventes da cultura Maxacali no País não aceitam de jeito algum esta situação, embora já tenham passado vários anos da demarcação oficial das suas terras; todo o drama é agora agravado novamente, com a morte de um deles. O clima de tensão na região é bastante grave. Segundo o delegado de Teófilo Otoni, as duas aldeias Maxacalis estão revoltadas com a situação, até agora sob controle das polícias estadual e federal.

Maxacalis denunciam: “A Funai emudeceu”

BELO HORIZONTE — Os índios Maxacalis da Aldeia de Pradinhos, no Vale do Mucuri, divulgaram ontem uma nota criticando a atuação da Funai no episódio do assassinato do filho do cacique Capitãozinho, o índio Alcides, morto a facadas e pauladas no mês passado. No documento, os índios reclamam da falta de assistência e afirmam que “a Funai emudeceu”, lembrando que no ano passado também foi assassinado outro índio Maxacalis, Waldomiro, e até hoje nada foi esclarecido.

No início da semana, três índios — Tintin, Carmindo e Quelezin — viajaram para Brasília, acompanhados de representantes do Conselho Indigenista Missionário — Cimi — para pedir ao deputado Mário Juruna (PDT-RJ), sua atuação junto à Polícia Federal para que o assassinato de Alcides seja esclarecido.

O crime foi presenciado pela mulher de Alcides, Jovita, que acusou três vaqueiros que moram nas proximidades da aldeia. Eles foram interrogados pela polícia, mas negaram o crime e não foram detidos. Já o delegado da Polícia Federal de Governador Valadares, Enon Gouveia, alegou que a índia Jovita e outros quatro índios que viajaram para prestar depoimento, não compareceram à delegacia.

O pároco de Maxacalis, padre Samir Gazei, disse que os índios estão revoltados, por que os vaqueiros acusados ainda estão em liberdade. Ele afirmou que os índios sofrem o problema da seca na região e acham que a Funai não lhes dá a assistência necessária. Os 500 índios das aldeias de Pradinhos e Água Boa vivem em três mil hectares de terra onde cultivam melancia, mandioca e laranja, mas reivindicam as terras da região que anteriormente lhes pertenciam e que hoje são motivo de divergências entre eles e os fazendeiros vizinhos.

O delegado Regional da Funai, Eustáquio Machado, alegou ontem que não cabe ao órgão investigar o assassinato, pois isso compete à Polícia Federal. Ele afirmou que não há revolta no Posto de Pradinhos.

Estado de Minas
10.08.83



"Capitãozinho" – Cacique do Mikai-Kaká e pai de Alcides

2.7 – CARTA DOS MAXAKALI ENTREGUE AO DEPUTADO MÁRIO JURUNA

A pequenina Bertópolis se transforma, em menos de um mês, em notícia de jornal.

A investigação da morte de Alcides Maxakali nas mãos da Polícia Regional e local não caminha. A Polícia Federal, que sempre é chamada para estes casos porque não está dependendo diretamente do poderio político local, não é chamada. Os índios se reúnem e resolvem ir até o deputado Mário Juruna, do PDT, em Brasília. Já não querem, como em 1982, se dirigir à FUNAI. Em suas declarações à imprensa, dizem: "A FUNAI EMUDECEU." Muitos índios querem enviar recados escritos, falando de sua indignação quanto ao desenrolar das investigações, das notícias mentirosas que correm na região.

Em Brasília participam de uma reunião com o assessor de Juruna, FUNAI e representantes do CIMI. Apresentam uma enorme carta com as denúncias e os mapas da terra, exigindo a demarcação da terra e a punição dos culpados da morte de Alcides. A carta é assinada por vários caciques e pelos três representantes.

Aldeia Maxakali, 1^o de agosto de 1983

Exmo. Sr. Deputado Mário Juruna,

Esta carta está sendo enviada ao senhor pelos índios Maxakali. Sua terra fica no município de Bertópolis – MG. E é para contar nossos problemas e ver como o senhor pode ajudar nós a resolver.

O filho de nosso Cacique Capitãozinho, Alcides Maxakali, foi preparado para ser capitão no Pradinho desde pequeno. Índio Maxakali acha que grande fazendeiro mandou matar. Matar Alcides por conta dele, por ordem do Major Pinheiro, Laurindo e outros fazendeiros. Desde o tempo da eleição, os fazendeiros junto com o Capitão Pinheiro, vem fazendo campanha para o PDS ganhar e depois botar os índios prá fora.

Nós quer pedir ajuda do Sr. Mário Juruna para resolver o caso do Capitão Pinheiro com a FUNAI, aqui em Brasília.

O caso dele é o seguinte:

— No ano de 1982 ele pagou jornalista para escrever coisas no jornal "Estado de Minas", contra os índios. Depois ganhou dos fazendeiros um pedaço de terra, que é do índio, e que está junto do Pradinho, sem cerca, boi comendo os pasto do índio, e vaqueiro armado, cheio de munição, revólver 38 e cartucheira para atirar. Revólver 38 foi na cintura e cartucheira de 42 caroço na mão. E foi chegando dentro da aldeia do índio só para falar por ordem do Major Pinheiro Manoel dos Santos. Já morreu muitos índios Maxakali.

— Morreu Antônio, pai de Valdistino. Foi Artur que matou mandado por Nerino Cangussu.

— Depois Raimundo, irmão de Kelezim, matado por "Baianinho" na fazenda de Antônio Fabrício.

— Depois Tiago, na fazenda de Onofrão, vereador do PDS. O Onofrim é que mandou matar. Ele tomava conta da fazenda do vereador. Foi o Cabo Bastião que ficou com a culpa, pois foi ele que atirou com a carabina. Acertou na perna direita e vazou na perna esquerda, quebrou o osso. Tintin e Carmindo veio para resolver problemas mas na hora que eles atirou nós voltou. Quando matou Tiago deu mais dezesseis tiros nos outro índio. Os índio rolou no chão. Não acertou neles.

— João Cego, filho do índio velho Cascorado, mais antigo da aldeia. Ele era irmão de Antônio.

— Artur, filho de Capitãozinho. Ele foi na cidade procurando trocar artesanato por roupa porque na FUNAI não tem roupa para o índio. Quando ia voltando, no meio da estrada, um cara trocou litro de pinga por artesanato. Ele ficou na estrada e passou caminhão e quebrou perna dele. Levou para hospital em Águas Formosas e lá não foi bem tratado, foi maltratado, voltou para aldeia e aí morreu sem tomar remédio.

— Irmã de Artur, chamada Viola, também filha de Capitãozinho. Ela foi para o mato ganhar semente "olho de boi", para furar com ferro quente para fazer colar, para levar na cidade de Itanhém para trocar com roupa para não ficar de tanga. Os índios fica de tanga é dentro da aldeia. Quando sai para cidade usa roupa. Viola veio na estrada, bebendo um pouquinho. Quando melhorou a cabeça, tava toda estragada, cabeça quebrada, sem dente e foi levada para o hospital de Águas Formosas pela Igreja Católica. Ela tornou a viver mas sofreu muito. Não morreu. FUNAI não levou e ainda ficou brava porque não levou.

— Valdomiro foi na cidade de Batinga, veio na estrada e seu companheiro. No outro dia, Valdomiro foi achado morto. Ele ficou para trás para descansar. Companheiro foi para aldeia. E ele foi achado

morto. Índio não mata pessoa. Fazendeiro falou que índio matou, mas não foi. Se foi outro índio que matou . . . outro índio matou Alcides! Os índios não mata irmão dele não. Os índios vem bebendo e vai dormir na sua casa. Os índios que vem bebendo e fica na estrada ninguém sabe quem está matando.

— Alcides foi para Teixeira de Freitas, Bahia, para conhecer cidade. Até o dinheiro deu para chegar em Teixeira de Freitas. Então ele voltou. Chegou em Itanhém pediu motorista de índio, digo ônibus para trazer até Batinga. O motorista não trouxe. Ele veio andando até Batinga, chegando cansado com vontade de chegar na aldeia dele. Descansou na sombra até que criminoso encontrou ele e matou. Quem matou foi três vaqueiro: Zé Rolinha, Geraldo e Zé Moura, mandado pelo fazendeiro Laurindo, filho de Severiano, acompanhando a cabeça de Major Pinheiro e Ormino que na eleição fez campanha para deputado do PDS falando para tirar índios da aldeia. Nós precisamos de uma força do deputado Juruna para apoiar Maxakali. Nós tá precisando afastar fazendeiro, fazendeiro só tá querendo imprensar o índio. Querendo as terras do índio. Nós queremos afastar os fazendeiro. Severiano tá no meio das aldeia do índio. Juarez que é fazendeiro pequeno e Verdi e Severino de novo com fazenda grande e Antônio Fabrício, Cabral do outro lado, mas também morando na terra nossa, onde mataram o Antônio, irmão de Capaonça.

Por que brasileiro mata os índios? Por que brasileiro tem cabeça e não tem miolo? Os índios tem miolo, nunca matou brasileiro. Índio tem dois pé. Brasileiro tem dois pé. Índio não é bicho. Nós somos irmão filhos de Deus. Quem fez nós? Topá. Quem fez fazenda é Topá, não foi fazendeiro. Quem deu língua prá nós, saber falar, ler, escrever? Foi Topá. É ordem de Topá. Quem vai querer justiça? Negro quer justiça: tem muito negro sofrendo também. Vai carregando lenha na cabeça. Fazendeiro toma. Nós vai comer capim? Topá dá semente. Topá dá nós prá fazer plantio, dá ordem prá colher semente para nós vender e tirar ordenado nosso. Nós vende para brasileiro os artesanato. Quem deu é Deus. Topá que deu cabeça ao índio para fazer tudo sem errar. Por que Topá mandou nós criar galinha? Quem manda nós usar roupa? Deus. Por que tem amigo que dá roupa ao índio? É Topá quem manda. Por que índio vai trocar artesanato por roupa para levar para filho dele? Para não usar tanga. Quem fez o mundo? Quem fez a Terra? Quem fez a luz do civilizado? Foi Deus. Deus fez serviço do civilizado e fez serviço do índio diferente. Como é que o índio faz casamento? Civilizado vai na Igreja e fala com Topá. Índio vai no cacique e fala com



Esposa do Cacique Manoel Rezende

ele. E vai casando. Cada um de um jeito. Por que civilizado tá aprendendo fazer comida? É Deus que ensina. Sem ele não faz. Por que faz penela para cozinhar banana, comida? Por que nós nasceu? E por que brasileiro nasceu também? O índio nasceu primeiro. Depois o civilizado. Nasceu depois do índio. Por que brasileiro mata irmão? Tá errado. Se um índio matar brasileiro tá errado. Os índios tá certo : nunca matou brasileiro. Tem cabeça com cabelo e miolo. Nós é irmão de Deus. Não pode fazer assim. Por que corre sangue igual em toda veia? Por que o branco tem cinco dedos? Os índios tem cinco. Nunca passou. Se tem dez, é bicho. Nós são irmão. Como é que brasileiro mata irmão? Não pode matar irmão. Tem que ser irmão.

NÓS TÁ PROCURANDO O DIREITO NOSSO.

Nós tá querendo que o povo dá apoio para ajudar nós resolver problema nosso. Porque nós tá sofrendo muito dentro da aldeia. Capitãozinho está sofrendo. Quer o filho dele morto por Zé Rolinha, Zé Moura e Geraldo. Por que soldado está usando farda? Para prender criminoso e ir soltando? Se vai soltando pelo mundo ele fica acostumado e continua matando. Queremos agir. Tem que pegar e matar para não fazer mais crime. Se não agir, todos nós quer criminoso. Nós não quer fazer crime. Quer acabar com criminoso para não matar mais índio, que é superior. Mata pobre, mata negro.

Nós veio aqui Sr. Deputado Juruna, para apontar o criminoso e os fazendeiro que deve saí de perto de nós. O fazendeiro quer terra. Os índios quer terra. Negro quer terra também. Pobre quer terra também. Por que fazendeiro quer terra só para ele? Fazendeiro tem que comprar terra para ficar com família dele. Ele quer muita terra e não deixa pessoal trabalhar para tratar dos filhos e da mulher dele. Como é que fazendeiro tá usando a terra? Não deixa plantar. Pobre quer fazer roça e horta e leva pé na bunda e ele fica com a roça. Ele não trabalha, mas come. Por que a gente come? A gente planta e come. Ele come também. O fraco quer comer também. Mas o rico não trabalha. O pobre não é lagarta, não é sapo, não é bicho. Nós tudo é filho de Deus.

Não pode fazer assim não. Por que que mata um irmão? **MATOU UM IRMÃO, MATOU UM FILHO DA TERRA!** Os índios quer viver. Brasileiro quer viver também. Negros quer viver também. Como nós bebe água? Quem ensina beber água? É Deus. Quem ensinou fazer cimba? É Topá. Quem ensinou falar? É Deus. Quem deu miolo a João Tintin para aprender falar? Foi Deus.

Agora nós queremos justiça para nós. Deus deu vento, ar para nós respirar. Quem conserta nós é o médico. Ele trata porque Topá ensinou.

Quem ensinou ser mecânico, motorista, tratorista. Foi Deus. Alguém aprendeu sozinho? Ninguém. Topá manda tudo. Se nós fica sozinho fica sozinho. Fica rouco que nem sapo sem nada. Nós, negro, índio, cigano, japonês, tudo nasceu de Deus. Nós saiu ensinando porque Deus ensinou. Ensinou o médico do índio. Pajé para curar doença. 1920 o índio não morria assim à toa. Morria de mordida de cobra. Índio cura doença de índio com raiz do mato. Os índios trata pela raiz do mato. Todo índio sabe raiz do mato para curar doença. Índio tem muita fruta para comer. Genipapo. Coquinho. Os índios come ingá e tem muitos outros fruto. Civilizado quer comer. Pobrezim quer comer bem. Fazendeiro não deixa trabalhar. Ele vai correndo para cidade para tratar filho dele. Os índio tá ajudando o pobrezim. São irmão. Todo mundo é casado. Povo da cidade tá proibido em Santa Helena de apanhar lenha. Guarda florestal proibiu. Como florestal proibiu? Pobrezim tem que encher barriga. Não pode deixar pobrezim morrer de fome, pedir esmola. Como é que o guardinha é irmão e tá judiando do irmão? Pobrezim não é bicho. Como usar farda para agir do lado criminoso? Não pode proibir. Nós podemos ajudar os pobrezim. Se chegar na aldeia nós dá milho, banana, abóbora, feijão. Todo mundo comendo arroz, feijão. Deus comeu feijão, arroz. Nós quer também. Se Deus mandar eu como até pau.

Por que tá judiando tanto?

Pelo amor de Deus, nós não temos banco. Tira dinheiro é do trabalho e terra boa. Agora pobre não tem ajuda. Prefeitura tem que ajudar. Nós veio aqui conversar com Deputado e voltar porque o Maxakali estão esperando nós. O que for para falar com FUNAI, Deputado pode falar. Nós não vai falar porque veio com pressa esperando a resposta. Quer levar a sua resposta gravada para todos os índios ouvir e ficar sabendo. Nós apoiamos Mário Juruna prá ficar forte e ajudar defender todos os índios. Nós precisa de Mário Juruna. Tem Capitão Maxakali que apóia você:

Capitãozinho

Damásio

Antônio Marcolino

Manoel Rezende

Mikael

Tintin

Carmino

Kelezim

Nós todos dão apoio para Sr. Mário Juruna continuar defendendo os índios. E para nós, nós quer afastar Severiano que tomou aldeia anti-

ga dos índios. O gado dele comendo 2 ha. de capim dos índios. Não tem vale, nem cerca, só tá enricando. Não quer fazer cerca. O bezerro morre eles diz que é índio que mata. Onde passa a divisa no São Geraldo, sobrinho de Severiano, onde perto mora Carolino, Carmindo vai fazer roça e casa lá. Nós não quer estrada no meio da aldeia. Nós tem duas aldeia. Pradinho e Água Boa. No meio queremos tirar os fazendeiro para emendar tudo. Para ir passear o índio não pode ir porque o fazendeiro faz guerra contra nós.

Queremos que o Deputado ajuda para emendar as duas terras do índio para não ter problema. Todas as dificuldades do índio acontece nesse pedaço. O índio Hermano é aleijado de ter apanhado de Zé Rolinha. Arquelino também apanhou do vaqueiro de Cabral neste pedaço.

No tempo de SPI (Serviço de Proteção ao Índio) o velho Fontes tirou terra para índio para não dar problema. Chamou três irmãos: Vamos marcar terra para caçar. Não era do Posto. Antigamente índio não sabia fazer documento de terra, foi só enfincando pau. Chegou o velho Lucas Pataxó Hã Hã Hãe. O pai de Tintin deu para ele tomar conta. Eram 3 quadras de terra: uma quadra é do pai de Tintin e Tomé Antônio. Outra do pai de Iraci: Dominguim. A outra era de Luizim, sogro de Carmindo, 400 ha. O velho Lucas tomou conta até o Antônio morreu e queria ficar dono. Tintin estava saindo da GRIN e veio e procurou o velho Lucas.

Quem tomou conta da fazenda de Luizim é Zinho Medeiro; de Antônio é Juvenal, Juiz de Paz e de Dominguim é Valdeir, mora em Santa Helena. A gente quer que fazendeiro larga manga ou paga. O índio tinha marcado com pau. Era seu jeito de marcar. Valdeir comprou na mão de Lucas em Santa Helena. A terra é nossa. A fazenda de Nazareno Fontes foi dada pelos índios velho. Não pode tomar. Tomé soltou quati, macaco e soim vivo lá. Muito fazendeiro falou em matar. Tomé vai escondido. Fazendeiro não quer deixar.

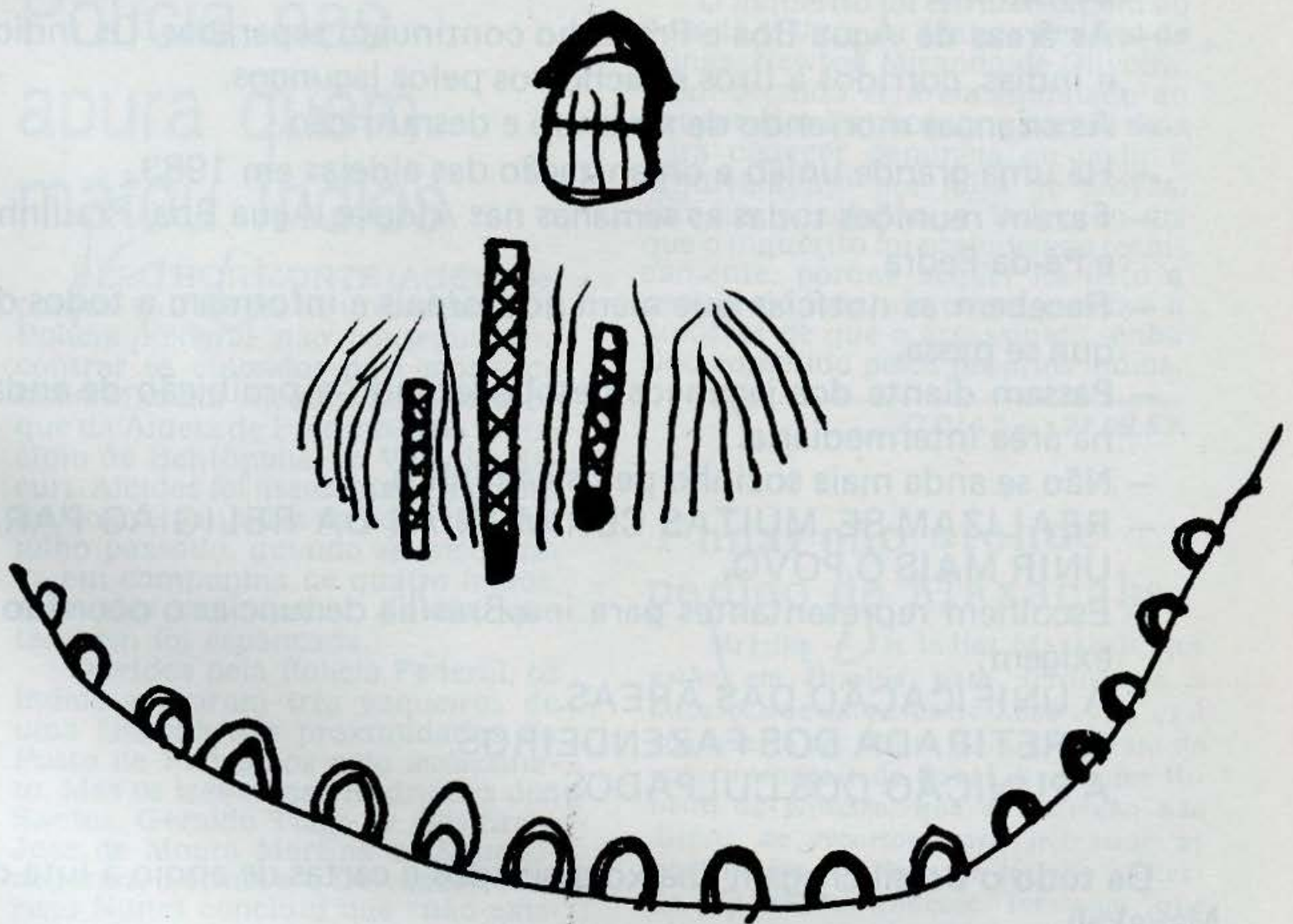
TÁ NASCENDO MUITOS MENINOS.

Onde é que nós vai tirar semente de frutas para fazer colar? Pau bom para fazer borduna? Jacarandá para fazer arco? Índio não fica quieto. Onde é que vai mudar? Vai mudando e vai comendo tatu. Depois torna mudar. Então fazendeiro paga o índio se não quer entregar o que é nosso. Chefe de Posto comprou esta terra. Se chefe comprou o governo pode pagar ele. É mais fácil. Chico, chefe do Posto Maxakali é para FUNAI trocar. Quer chefe que dá apoio ao índio. Isto não está certo. Por isto deve mudar ele. Leva Chico para Brasília para consertar a cabeça. Ele é chefe para ajudar o índio, apurar o problema. Se ele

errou mandando matar índio no pedacinho de terra do índio quer que Brasília chama atenção dele. Não pode estragar o índio. Chefe ganha para ajudar. FUNAI paga para ajudar. Os índios quer que Chico vai embora.

Índio nunca prejudicou. Mas fazendeiro sim. O índio nunca correu com fazendeiro à toa.

**KELEZIM MAXAKALI
JOÃO TINTIN ANTÔNIO MARIANO MAXAKALI
CARMINDO MAXAKALI**



2.8 – CONSEQUÊNCIAS

- Os fazendeiros Laurindo e Pinheiro abrem processo por calúnia e difamação contra:
 - . Pe. Samir Gazel – vigário da Paróquia de Machacalis.
 - . Fidelcino Martins – Presidente do PT (Partido dos Trabalhadores) de Bertópolis.
 - . José Alves da Rocha – Presidente do STR (Sindicato de Trabalhadores Rurais) de Bertópolis.
- Zé Rolinha depois de detido é escondido numa fazenda da Bahia. É solto e continua na região fazendo ameaças aos índios.
- O inquérito é arquivado por falta de “provas materiais” do crime.
- Um facão é dado de presente por um policial a um lavrador de Bertópolis.
- As áreas de Água Boa e Pradinho continuam separadas. Os índios e índias, corridos a tiros e cachorros pelos jagunços.
- As crianças morrendo de sarampo e desnutrição.
- Há uma grande união e organização das aldeias em 1983.
- Fazem reuniões todas as semanas nas Aldeias Água Boa, Pradinho e Pé-da-Pedra.
- Recebem as notícias que saem nos jornais e informam a todos do que se passa.
- Passam diante dos jagunços desobedecendo a proibição de andar na área intermediária.
- Não se anda mais sozinho pelos caminhos.
- REALIZAM-SE MUITAS CERIMÔNIAS DA RELIGIÃO PARA UNIR MAIS O POVO.
- Escolhem representantes para ir a Brasília denunciar o ocorrido e exigem:
 - A UNIFICAÇÃO DAS ÁREAS.
 - A RETIRADA DOS FAZENDEIROS.
 - A PUNIÇÃO DOS CULPADOS.

De todo o Brasil chegam abaixo-assinados e cartas de apoio à luta dos Maxakali.

- Novo assassinato, em 1987, de Osmino Maxakali.

Funai: não há recursos para fazer demarcações

... BRASÍLIA (O GLOBO) — A Funai não tem poderes nem recursos financeiros para resolver as questões de demarcação de terras indígenas e está aguardando da Secretaria de Planejamento (Seplan) a liberação de verbas para vários casos, alguns há mais de um ano, disse ontem o Superintendente do órgão, Lamartine Ribeiro, a três índios Maxacali (MG), que gravaram toda a conversa para transmitir à comunidade.

Tintin, Carmindo e Kelezim estiveram na Funai para reivindicar a retirada de seis fazendeiros que ocupam suas terras, entre as aldeias Pradinho e Agua Boa, no Município de Bertópolis.

Pediram também a prisão dos assassinos do índio Alcides, os vaqueiros Zé Rolinha, Geraldo e Zé Moura, que trabalham para o fazendeiro Laurindo Coelho.

Alcides foi morto no dia 10 do mês passado e, até agora, a Polícia Federal não fez qualquer investigação. Os vaqueiros foram presos e liberados logo depois. A Delegacia Regional da Funai em Governador Valadares informou ontem à sede do órgão que as investigações na área serão iniciadas dentro de 15 dias. Na opinião de Tintin, isto vai permitir a fuga dos vaqueiros, que continuam trabalhando na fazenda.

Polícia não apura quem matou índios

BELO HORIZONTE (AGS) — Depois de três meses de investigação, a Polícia Federal não conseguiu encontrar os culpados pela morte do índio Maxacali Alcides, filho do cacique da Aldeia de Pradinhos no município de Bertópolis, no Vale do Mucuri. Alcides foi assassinado a golpes de facão e pauladas na noite de 10 de julho passado, quando se encontrava em companhia de quatro índios, entre eles sua mulher, Jovita, que também foi espancada.

Ouvidos pela Polícia Federal, os índios acusaram três vaqueiros de uma fazenda nas proximidades do Posto de Padrinhos pelo assassinato. Mas os três — José Rodrigues dos Santos, Geraldo Tiago de Oliveira e José de Moura Martins de Souza — negaram o crime e o Delegado Maurício Nunes concluiu que "não existem provas materiais, testemunhas, documentos ou periciais que indiquem a autoria do delito, ficando as investigações limitadas ao limite das suposições".

O inquérito foi enviado ontem ao Juiz da 4ª Vara da Justiça Federal de Minas, Newton Miranda de Oliveira, e em seguida será encaminhado ao Procurador Público, que tem 30 dias para oferecer denúncia ou pedir o arquivamento por falta de provas. Em sua conclusão, o Delegado diz que o inquérito foi prejudicado tecnicamente, porque sequer foi feita a perícia do local do crime, e deixa a hipótese de que o assassinato tenha sido cometido pelos próprios índios.

"O DIA" — 21.09.83

Funai não atende pedido de Maxacalis

Brasília — Os índios Maxacali, que estão em Brasília para reivindicar a anexação de uma área de 2.000 hectares à sua reserva em Minas Gerais, ouviram do superintendente da Funai, Lamartine Ribeiro de Oliveira, que a fundação não dispõe de recursos para indenizar as benfeitorias existentes no terreno pleiteado. O superintendente informou que vários processos de criação de áreas indígenas que dependem de recursos da União estão parados na Splan há um ano.

Fonte: GV. 13.08.83

10 de agosto de 1984

Fazendeiros da terra maxakali MOVEM PROCESSO contra:

Audiência em
A. Formosas:
dia 30, às 9hs.

PE. SAMIR GAZEL

- Pároco de Machacalis

JOSE ALVES DA ROCHA

- Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bertópolis

FIDELCINO ALVES MARTINS

- Presidente do Diretório Municipal do PT.

É do conhecimento de todo o povo da região a luta travada pelos fazendeiros que ocupam aquelas terras tradicionais dos Maxakali em busca junto dos Governos anteriores de uma solução para a retirada dos índios. A luta destes senhores se acentuou a partir de 1980. Quem acompanhou os jornais, principalmente, o ESTADO DE MINAS, pôde constatar. Abaixo-assinados, cartas, denúncias e comitivas se dirigiram para Brasília e Belo Horizonte. O que eles propunham não encontrou apoio de nenhum Governo.

Em 1983, ocorreu o assassinato de mais um índio por nome ALCIDES MAXAKALI (na fazenda do Sr. Laurindo Sena).

Nos jornais Globo, Estado de Minas e Folha de S. Paulo do dia 14/07/83 os acusados confessaram o crime conforme declaração do ex-delegado Márcio José Bittencourt em telex enviado ao Secretário de Segurança Pública Dr. Carlos Fulgêncio da Cunha Peixoto. Tudo é muito claro e verdadeiro. Foram eles os autores do crime.

Vêja matérias abaixo:



Didi Maxakali e Carminha

3 - Alcides está vivo na luta de seu povo

3.1 – 1987 – CARTA DOS MAXAKALI SOBRE O ASSASSINATO DE OSMINO

Alcides está morto. Mas renasce nos seus filhos. No seu povo que continua a luta na defesa de seus direitos. Ninguém esquece.

Para sempre a injustiça dos brasileiros ganha um espaço nas histórias contadas de geração em geração na beira das fogueiras. O tempo passa.

O velho e insubstituível CAPITÃOZINHO FALECE EM 1986. Depois de tantas mágoas seu coração não resiste.

Em fevereiro deste mesmo ano a imprensa conhece outra carta dos Maxakali: a violência continua. Osmino Maxakali é encontrado morto na beira da estrada de uma fazenda. Morre em circunstâncias misteriosas e não esclarecidas. O corpo não é levado para o cemitério da aldeia. É enterrado ali mesmo, na terra que é sua e de seu povo! Surgem várias denúncias de meeiros contratados para ocupar a terra dos índios, e, entre eles, filhos de fazendeiros da região.

Carta dos Maxakali sobre o assassinato de Osmino Porantim – março 1987

Nós, índios Maxakali, estamos com o coração muito triste. Fazendeiro mata mais um parente nosso. Foi o Osmino Maxakali, filho de Otávio e Licinha Maxakali. Osmino tinha 29 anos, trabalhava muito, plantava grandes roças e era amigo de todo mundo: não falava mal de ninguém.

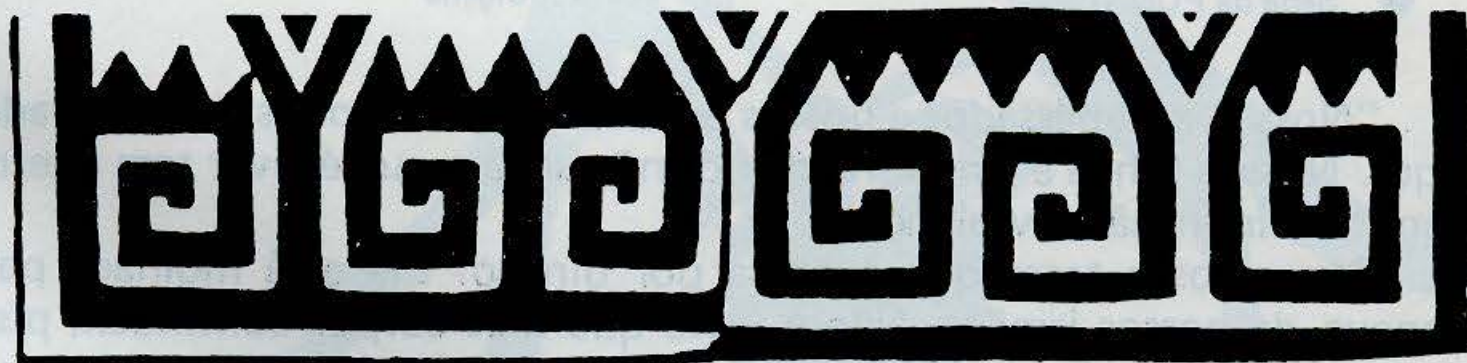
O filho do fazendeiro Valdivo num domingo brigou com índio porque estava caçando na outra fazenda. Pegou e contou pro pai. O pai falou com o índio que acabava matando um índio. Por isso, quando Osmino vinha da feira ficou deitado na cerca perto da casa do Valdivo e depois não foi mais encontrado por ninguém, e só apareceu morto, três dias depois. E o fazendeiro é que mostrou ele para a polícia.

Nós dizemos que foi Valdivo ou o filho dele quem matou Osmino. Nós não aceitamos que bebida mata um índio novo e forte como Osmino, e que ele estava ali onde Valdivo mostrou. O corpo dele só apare-

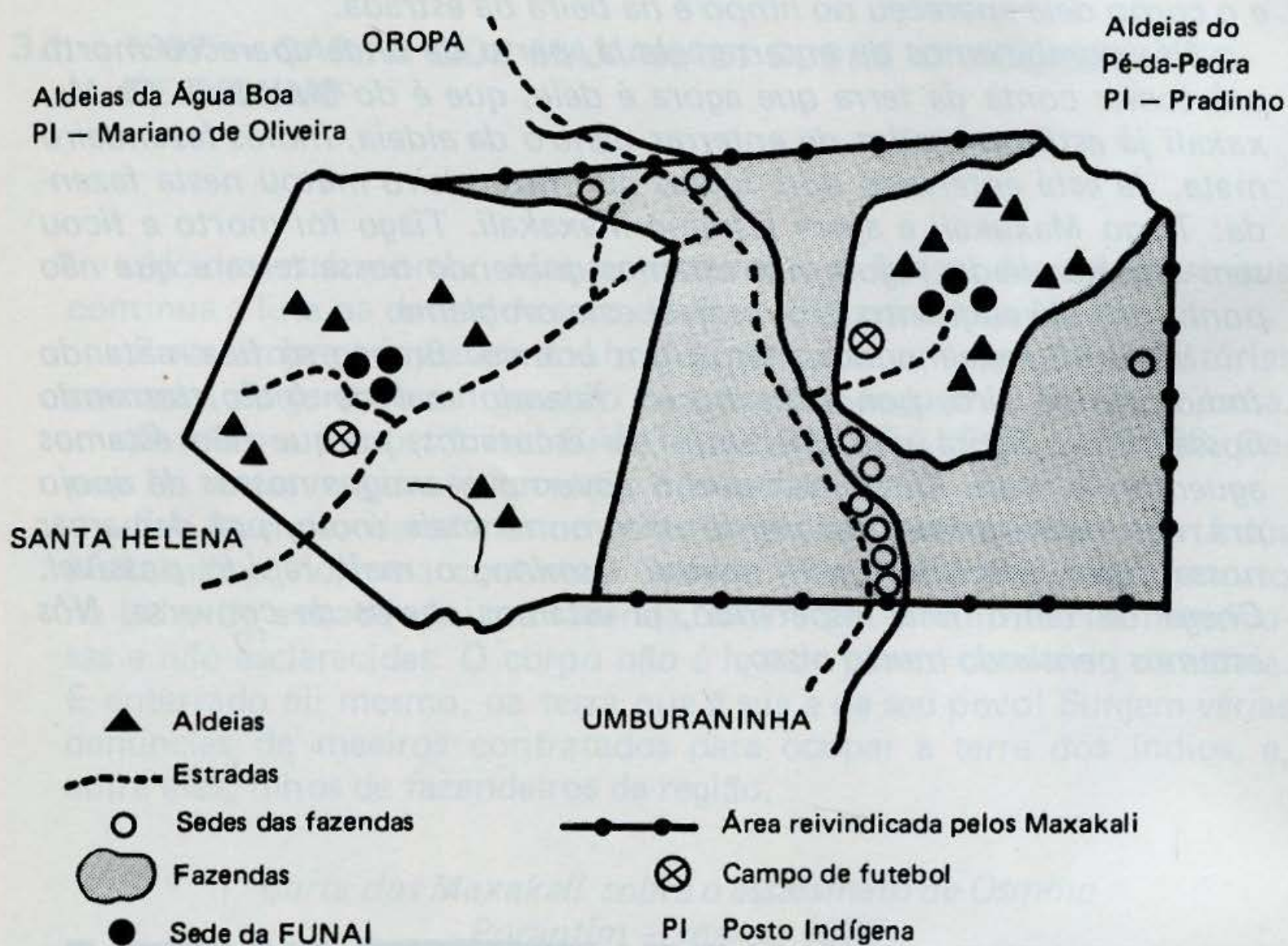
ceu cheio de bicho, com corte no pescoço e em cima do peito. Difícil de conhecer ele. A cabeça era preta, muito preta e o resto do corpo não. Nós seus parentes procuramos noite e dia e não encontramos e o corpo dele apareceu no limpo e na beira da estrada.

Nós combinamos de enterrar ele lá, perto de onde apareceu morto prá tomar conta da terra que agora é dele, que é do Maxakali. Os Maxakali já estão cansados de enterrar dentro da aldeia, índios fazendeiro mata. Já está enterrado dois índios que fazendeiro matou nesta fazenda: Tiago Maxakali e agora Osmino Maxakali. Tiago foi morto e ficou sem resolver nada. Agora nós estamos querendo nossa terra e que não ponha gado lá enquanto não resolver este problema.

Índio Maxakali nunca matou um branco. Branco só fica matando índio, dando tiro, pondo cachorro, falando mal de índio, tomando nossa terra. Agora nós queremos ser escutados, porque não estamos aguentando mais. Queremos que o governo e amigos nossos dê apoio prá nós nessa parte, prá ver se não morre mais índio, prá demarcar nossa terra e apurar quem matou Osmino, o mais rápido possível. Chega de tanto ficar esperando, já estamos cheios de conversa. Nós estamos pensando muito nisso.



4 - O sonho Maxakali - Essa terra é nossa!



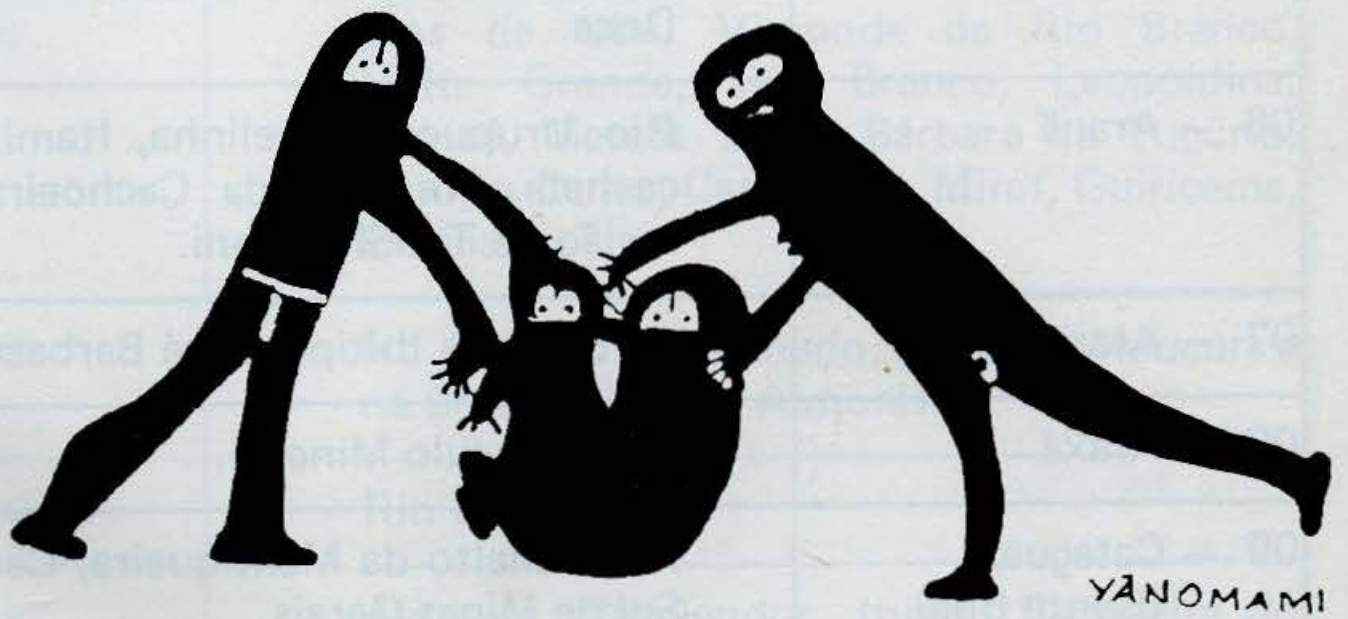
“Nossos antepassados e nossos parentes mais novos estão enterrados aqui. Nossos filhos e a maioria de nós não sabe o que é viver sem guerra, sem discriminação e violência!

Queremos a terra que é nossa por direito. Ela está molhada pelo sangue de nossos irmãos. Não é justo que seus corpos continuem pisados pelas patas dos bois. Queremos paz para fazer aldeias novas para casais jovens. Para fazer roças de onde tirar os produtos para fazer a religião. Precisamos do Rio Umburana onde faremos de novo as pescarias sagradas!

E então no terreiro da aldeia faremos uma linda Casa da Religião. E vamos fincar o mastro Mimanã. E Topá virá anunciar para nós o FUTURO BOM! E cantaremos noites e noites nossas velhas canções.

E cada homem ao voltar para casa saberá que na fogueira terá mandioca e batata cozinhando. E a mulher e os filhos felizes à sua espera.”

72	Guacabú	Manana, Ovale e São João Del Rei
81	Yuhui	A margem leste do Rio Daga
ANTES DE NOIXE, NESTAS TERBAS VIVIAM OUTROS POVOZIS		
94	Yuhui	Manana, Ovale e São João Del Rei
POVOS INDIGENAS		
101	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio
117	Yuhui	Manana, Ovale e São João Del Rei
122	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio
133	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio
144	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio
155	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio
166	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio
177	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio
188	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio
199	Abaité	Região do Rio Abaité e na parte sude do Rio



YANOMAMI

Anexos

ANEXO I

ANTES DE VOCÊ, NESTAS TERRAS VIVIAM OUTROS POVOS!

POVOS INDÍGENAS	REGIÃO
01 – Abaeté	Região do Rio Abaeté e na parte alta do Rio São Francisco.
02 – Abaíba	Zona da Mata, próximo do Rio Paraíba.
03 – Abatipó	Municípios de Matipó, Abre Campo, Santa Margarida.
04 – Aimoré	Na Cordilheira da Serra dos Aimorés na divisa com o Espírito Santo.
05 – Airuã	No município de Paula Cândido, Alto Rio Doce.
06 – Aranã	Rio Urupuca, Capelinha, Itambacuri, Malacacheta. Na área da Cachoeira do Aranã, região de Teófilo Otoni.
07 – Arari	Da Serra de Ibitipoca até Barbacena.
08 – Araxá	No Triângulo Mineiro.
09 – Cataguaz (Gente Boa)	No Planalto da Mantiqueira, Centro Oeste e Sul de Minas Gerais.
10 – Goianá	Vale do Rio das Velhas.
11 – Guanhã (Andarilho, Corredor)	No Vale do Rio Guanhães, Correntes e Santo Antônio.

12 – Guarachué	Mariana, Ouro Preto e São João Del Rei.
13 – Gurupi	À margem leste do Rio Doce.
14 – Gyporok	Vale do Mucuri.
15 – Imburu	Rios Doce e Jequitinhonha.
16 – Iná	Rio Paranaíba.
17 – Kamanaxó	No Rio Doce e Jequitinhonha.
18 – Karamonas	Entre os Rios Doce e Pomba.
19 – Kariri	Januária e Sertão do Urucuia.
20 – Katiguçu	Entre o Jequitinhonha e o São Francisco.
21 – Kaxiné	Serra da Mantiqueira.
22 – Koropó, Puri, Kroato	Nos Vales do Rio Pomba e Peixe, municípios de Ubá, Visconde de Rio Branco, Volta Grande, Rio Branco, Leopoldina, Muriaé, Mercês, Santa Bárbara do Tugúrio, Astolfo Dutra, Cataguases, Miraí, Guiricema, Ervália.
23 – Kotoxó	No Córrego do Fanado, no Baixo Mucuri e na Cordilheira dos Aimorés.
24 – Krakmum	Rio Doce.
25 – Krenak	Aimorés, Resplendor, Itueta, Cachoeira do Eme.
26 – Kururu	Rio Carinhanha.
27 – Makuni	Alto dos Bois, próximo de Malacacheta e Minas Novas.

28 – Malali	Rio Doce.
29 – Mandimbóia	Rio Verde, próximo de Machado.
30 – Maxakali	Na Foz do Mucuri (São José do Porto Alegre), no Vale dos Rios Prado, Jequitinhonha Mucuri e Umburana.
31 – Mitiri	Rios Preto e Paraibuna.
32 – Moxotó	Peçanha, próximo aos Rios Suassuí Grande e Pequeno.
33 – Mutum	No Vale do Rio Mutum.
34 – Nacknenuck (morador das serras)	De Teófilo Otoni a Caravelas.
35 – Nakarene	Região de Minas Novas.
36 – Naminikin	Região onde hoje é Araçuaí.
37 – Norete	Junto ao Rio Norete.
38 – Paname	Suassuí Grande e Pequeno.
39 – Pataxó	Serra dos Aimorés entre os Rios Doce e Jequitinhonha.
40 – Pejaurin	Nesta mesma área do Jequitinhonha e Doce.
41 – Pojixá	Vale do Mucuri.
42 – Poruntum	Nas selvas do Mucuri.
43 – Poté	Onde hoje é o município de Poté.
44 – Quejaurim	Rio Doce

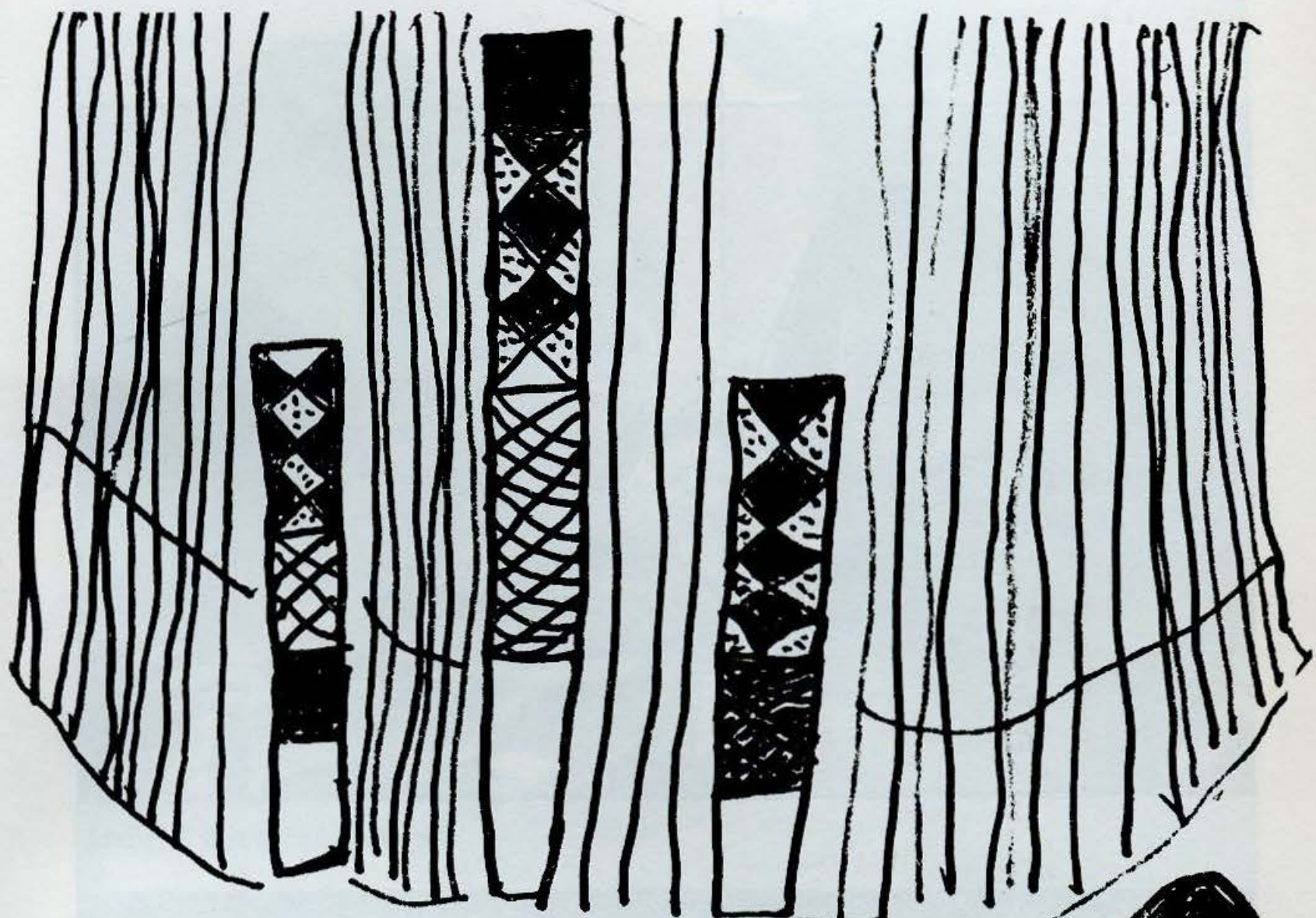
45 – Samixumã	Margem do Rio Doce na divisa do Espírito Santo.
46 – Tocoíós	Minas Novas e à margem do Tocoíó (aldeamento de Lorena de Tocoíós).
47 – Tupinikin	Araçuaí e Rio Jequitinhonha.
48 – Xã	Minas Novas.
49 – Xacriabá	Vale do São Francisco, Itacarambi.
50 – Xonim	Aldeia D. Manuel, às margens do Rio Doce.
51 – Xopotó	Rio Xopotó.
52 – Zamplã	Abaixo da Foz do Rio Piracicaba.

- 1 – *Você sabe de locais onde havia aldeias indígenas nestas regiões?*
- 2 – *Você conhece alguma história indígena de seu município? Conte para o CEDEFES.*

ANEXO II

Indicações para leitura:

- 01 – CASTRO, Celso Falabella de Figueiredo. *Os sertões do leste; achegas para a história da Zona da Mata*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1987.
- 02 – CHAGAS, Paulo Pinheiro. *Teófilo Otoni; ministro do povo*. Rio de Janeiro, Ed. Zélio Valverde, 1943.
- 03 – CIMI & GREQUI & CPT-MG. *Índios Maxakali*. Belo Horizonte, SEGRAC, 1984.
- 04 – HOORNAERT, Eduardo, org. *Das reduções latino-americanas às lutas indígenas atuais*. São Paulo, Paulinas, 1982.
- 05 – JOSÉ, Oiliam. *Indígenas de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Ed. Movimento Perspectiva, 1965.
- 06 – JOSÉ, Oiliam. *Marlière, o civilizador*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1958.
- 07 – LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1978.
- 08 – MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.
- 09 – PALAZZOLO, Jacinto de. *Nas selvas do Mucuri e do Rio Doce*. Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1973. (Brasiliiana, 277)
- 10 – PEREIRA, Leopoldo. *O município de Araçuaí*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969.
- 11 – RUBINGER, Marcos & AMORIM, Maria Estela & MARCATTO, Sônia de Almeida. *Índios Maxakali: resistência ou morte*. Belo Horizonte, Interlivros, 1980.
- 12 – SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.
- 13 – SANTOS, Péricles Ribeiro dos. *Pioneiros de Águas Formosas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1970.
- 14 – TIMMERS, Olavo, OFM. *Vales do Mucuri e Jequitinhonha*. Belo Horizonte, s. ed. s.d.
- 15 – VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. 4 ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.



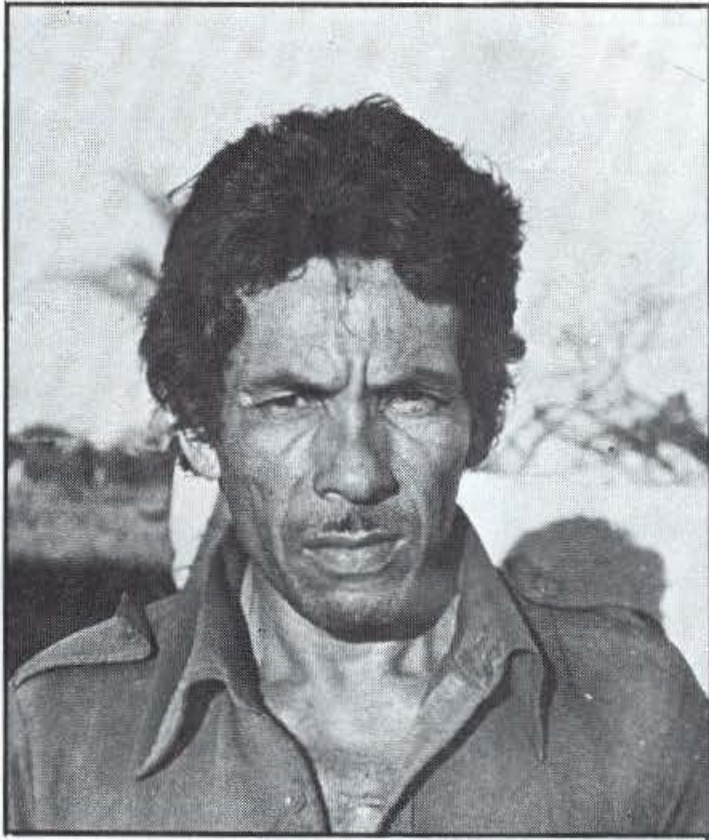
Barrocinde



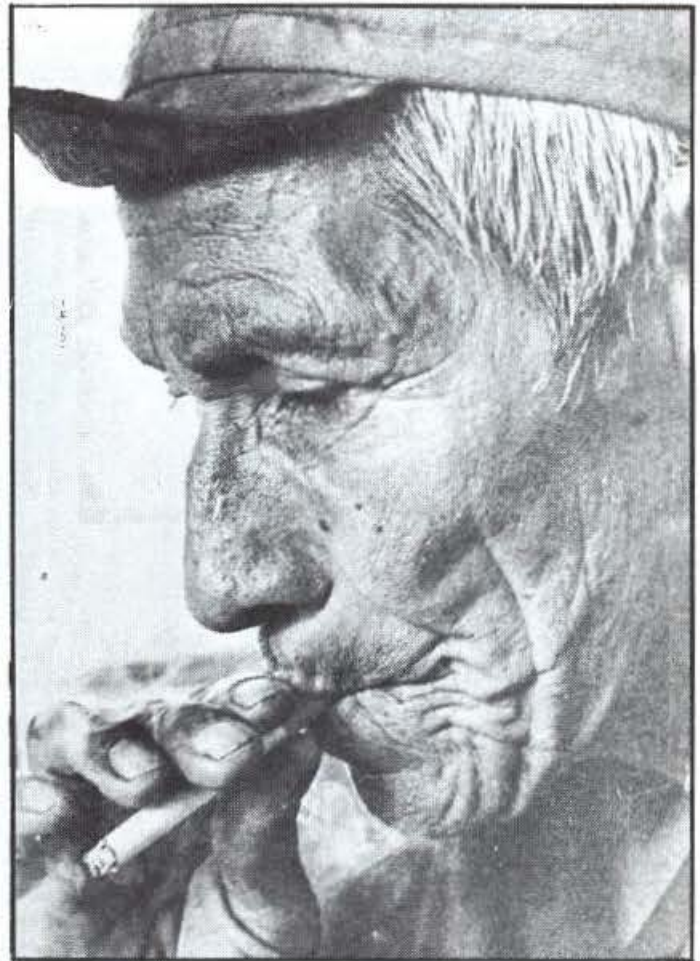
Dêi Maxakali e sua filhinha



Índias Xacriabá



Rosalino Xacriabá



Cacique Mikael Maxakali



Índios do Pradinho — Paulene , Oscar e seus irmãos

Pai e mãe de Laurita Krenak



Cacique Nêgo Krenak



Crianças do Pradinho



Cacique Antônio Marculino com a esposa Maria e seu filho Marinho



Índios Maxakali do Pradinho



Kanatcho – Pataxó



No Krenak: famílias Nakre-Hé e Krenak



Índias Maxakali no Posto da Funai



Cacique Rodrigo Xacriabá e família



Mongangá Pataxó e companheiros



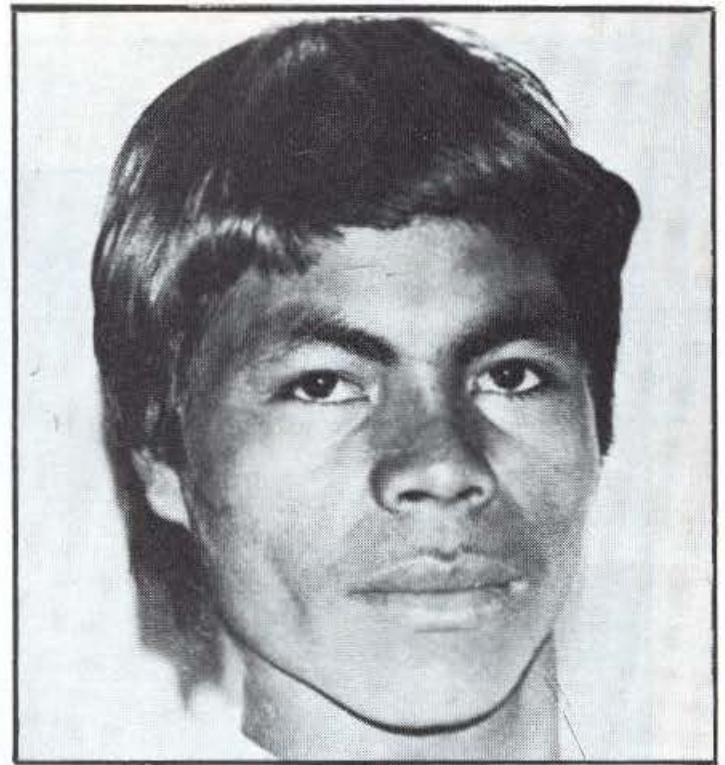
Cacique Damásio em sua aldeia



Cacique Mané Rezende e sua esposa



Gustavo Maxakali



Índio Xacriabá



Jovens Maxakalis do Mikai Kaká



Delcida Maxakali



Izabel Maxakali



Juarez Maxakali



*Cacique Kelé Maxakali, Cacique Zezinho Maxakali
e Otávio Maxakali, pai de Osmino.*

ELOY FERREIRA DA SILVA

**Presidente do Sindicato dos
Trabalhadores Rurais de S. Francisco
Assassinado em 16.12.1984.**



**O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA
DA SILVA – CEDEFES – SE PROPÕE A DOCUMENTAR:
CEB's, TERRA, SINDICALISMO E QUESTÃO INDÍGENA,
EM MINAS GERAIS.**

**PRECISAMOS PRESERVAR A MEMÓRIA DE
NOSSAS LUTAS! CONTE SUA HISTÓRIA
PARA O CEDEFES.
NOSSO ENDEREÇO É:
RUA TIRADENTES, 2564 – SALA 04 – 1º ANDAR
BAIRRO INDUSTRIAL – 32 230 – CONTAGEM
MINAS GERAIS – FONE: 333 7683**

